



Fonte: Museu Municipal Hugo Simões Lagranha. 2017.  
Foto: Margarete Panerai Araujo

## SUMÁRIO

PREFACIO.....	3- 4
<b>PARTE 1: ARTIGOS SOBRE DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>5</b>
1 CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: FILHOS DO (DES)ENVOLVIMENTO. NARA GRIVOT CABRAL.....	6 - 16
2 RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE COMO INSTRUMENTO PARA A EVIDENCIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. MARISTELA MERCEDES BAUER.....	17-28
<b>PARTE 2: PAPPER SOBRE MEMÓRIA SOCIAL.....</b>	<b>29</b>
3 MEMÓRIA CULTURAL E IDENTIDADE NA TERCEIRA IDADE. MIGUEL MACHADO DIAS.....	30-44
4 MEMÓRIA ORGANIZACIONAL: A IMPORTÂNCIA DA IMPLANTAÇÃO EM UMA ORGANIZAÇÃO RECÉM-INSTALADA – TECNOPUC VIAMÃO. LUCIANO SANTAREM.....	45-50
5 INTIMIDADE COM PAPEL E PENA: MEMÓRIA FAMILIAR E ESCRITA EPISTOLAR. LARISSA TAVARES MARTINS.....	49-68

## PREFACIO

Atualmente temos observado que o tema “Desenvolvimento” vem sendo um dos temas de preocupação crescente entre todos os gestores privados e sociais, bem como, nas universidades. Combinados com outros temas relevantes, como exclusão e inclusão, têm-se a possibilidade de repensar o desenvolvimento como um processo que discute e divulga os conceitos de Responsabilidade social, a gestão responsável, políticas sociais, e o conhecimento das rápidas mudanças tecnológicas, governamentais e do ciclo econômico e social; entre outros temas transversais de gestão pública e privada. Assim, considerando esse grande tema de discussão, nossa linha de pesquisa visa cooperar com o debate e o aprimoramento do conhecimento apresentando artigos na primeira parte da revista. Contudo, a revista também vem se dedicando a produção de *papers* de alunos do Programa de Pós-Graduação em Memória e Bens Culturais, que são produzidos no decorrer do semestre junto a disciplinas específicas. Assim, contamos nesse exemplar com produções de acadêmicos do mestrado na segunda parte da revista.

O artigo da Dra. Nara Grivot Cabral sobre os CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: FILHOS DO (DES)ENVOLVIMENTO oferece ampla visão do contexto em que se inserem. As reflexões oferecidas são decorrentes de atividades do curso de Psicologia junto ao projeto de extensão Costurando Identidades, do Centro Universitário Metodista – IPA.

O segundo artigo da Dra. Maristela Mercedes Bauer é sobre RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE COMO INSTRUMENTO PARA A EVIDENCIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL e apresenta a temática do desenvolvimento sustentável, que vem objetivando o crescimento econômico, a preservação ambiental e a equidade social, como componentes interdependentes do Relatório de Sustentabilidade modelo do *Global Reporting Initiative*.

Os papers acadêmicos são:

O primeiro de Miguel Machado Dias sobre a MEMÓRIA CULTURAL E IDENTIDADE NA TERCEIRA IDADE, que buscou analisar a memória cultural da SPAAN, mostrando as rotinas e o cotidiano dentro da entidade, com seus jogos, festas

bailes, bingos, grupos de palhaços entre outras atividades no decorrer. Foram utilizadas fotos como representação documental, mostrando a realidade do local.

O segundo *papper* de Luciano Santarem é MEMÓRIA ORGANIZACIONAL: A IMPORTÂNCIA DA IMPLANTAÇÃO EM UMA ORGANIZAÇÃO RECÉM-INSTALADA - TECNOPUC VIAMÃO, que destacou o Parque Científico e Tecnológico da PUCRS onde diversas empresas se instalam, com aumento da complexidade organizacional.

Essa parte se encerra com o terceiro *papper* da Larissa Tavares Martins sobre a INTIMIDADE COM PAPEL E PENA: MEMÓRIA FAMILIAR E ESCRITA EPISTOLAR que analisou as cartas trocadas entre mãe e filha, no início do século XX e caracterizam as relações da família.

Diante desses textos esperamos oferecer ao leitor algumas referencias de leitura sobre as temáticas propostas.

**Conselho Editorial**

Prof. Dra. Judite Sanson de Bem  
Prof. Dra. Margarete Panerai Araujo  
Prof. Dr. Moisés Waism

**PARTE 1: ARTIGOS SOBRE DESENVOLVIMENTO**

## CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: FILHOS DO (DES)ENVOLVIMENTO

Nara Grivot Cabral<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio busca compreender os modos de vida dos filhos de catadores de materiais recicláveis em relação ao cotidiano e ao contexto social em que se inserem. As reflexões são decorrentes de atividades realizadas por acadêmicas do curso de Psicologia junto ao projeto de extensão Costurando Identidades, do Centro Universitário Metodista – IPA.

**Palavras-chave:** Filhos de catadores. Reciclagem. Extensão universitária. Desenvolvimento como liberdade.

### INTRODUÇÃO

No modelo de desenvolvimento em curso – o capitalista –, vivemos uma situação paradoxal. Por um lado, encontramos uma produção de riquezas nunca vista, com abundância e avanços tecnológicos em diversos setores socioeconômicos, alta conectividade entre os países e crescente ênfase nos direitos humanos e nas liberdades políticas, principalmente pelo discurso dominante (SEN, 2010). Por outro lado, há um acirramento do individualismo, do consumismo, do desperdício e da desigualdade social, com situações de privação e opressão extraordinárias, em que tudo é descartável, inclusive pessoas (BAUMAN, 2005).

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com sua concepção baseada nas ideias e contribuições do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, ajuda-nos a refletir sobre esse contexto. No *ranking* da desigualdade social do IDH publicado em 2016, o Brasil despenca 19 posições e aparece entre os 10 países mais desiguais do mundo. Além da significativa diferença existente entre ricos e pobres, o levantamento mostra que mantemos indicadores de desvalorização e baixa representatividade da mulher na sociedade brasileira, evidenciando que a desigualdade social e de gênero se acentuou no Brasil nos

---

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012), com estágio sanduiche no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra/Portugal, de janeiro a junho de 2011, como bolsista CAPES. Possui mestrado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade do Rio dos Sinos (2005), especialização em Projetos Sociais e Culturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001) e bacharelado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1987).

últimos anos. Embora as mulheres tenham maior expectativa de vida e mais escolaridade, elas continuam recebendo salários bem menores do que os dos homens, com uma renda *per capita* 66,2% inferior à de pessoas do sexo masculino.

Em relação ao Coeficiente de Gini (2010-2015), instrumento que mede o grau da concentração de renda em determinado grupo e aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e os dos mais ricos, o Brasil aparece como o 10º mais desigual do mundo e o 4º pior da América Latina, à frente apenas de Haiti, Colômbia e Paraguai. No geral, os dados do IDH e do Gini revelam que o acúmulo de riqueza, a má redistribuição de renda e a desigualdade social, processos que andam de mãos dadas, negam as liberdades fundamentais a um número significativo de pessoas, talvez até à maioria delas, ao privá-las do acesso a bens e serviços essenciais para a vida em sociedade.

Para Sen (2010), a eliminação de privações substanciais de liberdade é constitutiva do desenvolvimento em curso, o capitalista; daí a ideia de liberdade ser central para seu exercício. Para tanto, precisamos estar atentos a duas razões: a) a razão avaliadora do progresso condicionado ao aumento das liberdades das pessoas; b) a razão da eficácia do desenvolvimento que depende inteiramente da liberdade de ação das pessoas. Ou seja, a potência de vida das pessoas está intimamente ligada às oportunidades econômicas, às liberdades políticas, ao acesso aos serviços públicos, à transparência e à ação dos poderes.

No Brasil, temos um produto interno bruto (PIB) *per capita* alto, indicador de atividade econômica e riqueza; porém, a relação entre o PIB e o IDH mostra o paradoxo citado anteriormente: a riqueza e a abundância em nosso país convivem concomitantemente com a escassez e a falta de qualidade de vida, em que rendimento e riqueza divergem de forma contrastante. Isso significa dizer que a baixa liberdade de viver bem está relacionada com as precárias ou inexistentes oportunidades e agenciamentos sociais.

Não há desenvolvimento sem expansão da liberdade humana, afirma Sen (2010). Daí a privação de liberdade estar relacionada à baixa qualidade ou até mesmo à ausência de serviços públicos de saúde, de educação e de assistência social. Nessa lógica, cai por terra a retórica recorrente no discurso político dominante de que o desenvolvimento humano via investimento em políticas públicas seria mais uma despesa para o Estado.

Bauman (2005, p. 12) vai mais além ao afirmar que o modelo de desenvolvimento

capitalista produz os “excessivos” e “redundantes”:

A produção de “refugo humano”, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (...) é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da construção da ordem (cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”) e do progresso econômico (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus participantes dos meios de subsistência).

Para Bauman (2005), o avanço do progresso *tecnológico* em territórios considerados inadequados para o povoamento moderno tem trazido custos sociais enormes em decorrência tanto da destruição da capacidade endógena de esses territórios se autossustentarem, quanto do deslocamento das populações que ali vivem, ao serem privadas do acesso ao próprio território ou até mesmo expulsas dele. Ao mesmo tempo, o progresso *econômico* faz com que modos de vida ali existentes se tornem invisíveis, inviáveis ou impraticáveis, ao serem desvalorizados, desperdiçados e descartados pela visão econômica dominante, como mostra a situação dos povos indígenas originários na América e da população negra dos quilombos no Brasil.

Desde o início da colonização portuguesa no país, com o chamado “descobrimento do Brasil”, índios e negros têm tido sua identidade negada e invisibilizada. Podem-se citar como exemplos a dizimação dos Setes Povos das Missões, no sul do país, com o libertário Sepé Tiaraju servindo de heroica lembrança regional, ou a invasão e apropriação de terras quilombolas de muitas comunidades negras, que foram obrigadas a migrar para outras localidades ou sofreram perdas territoriais. Ainda hoje, essas populações vivem uma realidade desigual, marcada pela resistência e pela mobilização em torno da conquista de direitos e melhoria da qualidade de vida.

Bauman (2005) e Sen (2010) chamam atenção para as profundas marcas da exclusão da modernidade, afirmando que não há uma única forma de compreendê-la, assim como não há uma única forma de enfrentá-la. Ela é produto do funcionamento de um sistema social mais amplo e complexo, exigindo uma compreensão da dinâmica do sistema de desenvolvimento socioeconômico.



O enfrentamento dessas situações e a busca de alternativas para os graves problemas que vivemos na atualidade são centrais para o processo de desenvolvimento. No entanto, é imprescindível que a sociedade busque alternativas que não sejam apenas técnicas, porque os problemas são fundamentalmente humanos. Como afirma Bauman (2005, p. 24) na metáfora sobre o projeto de modernidade e o direito de excluir: “no carro do progresso, o número de assentos e de lugares em pé não é, em regra, suficiente para acomodar todos os passageiros potenciais, e a admissão sempre foi seletiva”.

Atualmente, as "soluções alternativas" buscadas para o problema da crise do modelo de desenvolvimento relacionam-se com a escolha de caminhos que levem em conta o crescimento acelerado da população e, conseqüentemente, do volume de resíduos sólidos. Assim, na sociedade moderna, a indústria de coleta e reciclagem do lixo tornou-se um ramo da produção, que se encontra em rápido crescimento, decorrente tanto da explosão do consumo de produtos industrializados quanto da forma de viver em sociedade, em que tudo é descartado e descartável.

Nesse contexto, tornam-se imprescindíveis as alternativas que considerem a existência de uma parcela significativa da população que vive do trabalho com o “lixo” e que se encontra invisibilizada e estigmatizada pela sociedade (PEREIRA, 2012; VERONESE, 2016). Como exemplo dessas experiências, podemos citar a Economia Solidária (EcoSol) e o Movimento Nacional de Catadores/as de Materiais Recicláveis (MNCR), que têm produzido outros modos de vida, de norte a sul do Brasil. Por um lado, a economia solidária é um conceito amplamente utilizado em diversos países, notadamente, na América Latina e na Europa, com concepções bastante variadas e uma multiplicidade de sentidos que, no geral, remetem à ideia de solidariedade, mostrando-se como um contraponto ao individualismo competitivo e utilitarista das sociedades capitalistas (LAVILLE, GAIGER, 2009; SINGER, 2003). Para esses autores, a economia solidária traz à tona a longa história associativa dos/as trabalhadores/as, marcadamente do início do século XIX, expressando, atualmente, a impossibilidade de muitos/as deles/as viverem segundo as oportunidades oferecidas pelo mercado capitalista e sua lógica intrinsecamente excludente.

De sua parte, o MNCR é um movimento social que busca o reconhecimento e a

valorização da profissão de catador, “como classe oprimida pelas estruturas do sistema social” (MNCR, 2017) Surgiu em meados de 1999, no I Encontro Nacional de Catadores/as de Papel e Material Reaproveitável, realizado em Belo Horizonte, sendo oficialmente fundado em 2001, no 1º Congresso Nacional dos Catadores/as de Materiais Recicláveis, evento que reuniu mais de 1.700 catadores/as em Brasília.

Nesse congresso, foi lançada a Carta de Brasília, documento que expressa as necessidades do povo que sobrevive da coleta de materiais recicláveis, com propostas concretas para o poder executivo e à cadeia produtiva, além de buscar a cidadania dos/as moradores/as de rua. Atualmente, a principal bandeira de luta tem sido a inclusão socioeconômica dos/as catadores/as de materiais recicláveis, com: 1) pagamento digno pela prestação de serviços à coleta seletiva (resíduos domésticos), 2) pagamento digno pelos serviços ambientais prestados à sociedade com a logística reversa (resíduos empresariais) e 3) avanço na cadeia produtiva da reciclagem por meio da organização dos/as catadores/as em associações, cooperativas, redes de comercialização e unidades industriais autogestionárias. Junto a essas reivindicações, o MNCR alinha suas ações aos princípios da economia solidária.

Este ensaio busca compreender os modos de vida dos/as filhos/as de catadores/as de materiais recicláveis em relação ao cotidiano e ao contexto social no qual se inserem. As reflexões são decorrentes de atividades realizadas por acadêmicas do curso de Psicologia junto ao projeto de extensão Costurando Identidades, do Centro Universitário Metodista – IPA.

## **ANOTAÇÕES SOBRE A PRÁTICA EXTENSIONISTA COM OS/AS FILHOS/AS DE CATADORES/AS**

A extensão universitária é um espaço privilegiado para aproximar a universidade da sociedade e para o encontro de saberes diversos. Nossas atividades no projeto de extensão Costurando Identidades, do Centro Universitário Metodista – IPA, iniciam em agosto de 2014, com ações voltadas para os/as catadores/as de materiais recicláveis associados/as à Cooperativa de Educação Ambiental e Reciclagem Sepé Tiaraju (CEAR), localizada no

Bairro Navegantes, em Porto Alegre (RS).

Em 2016, a demanda dos/as gestores/as da Cooperativa soma-se à nossa percepção da situação de vulnerabilidade social em que se encontram crianças e adolescentes que circulam no espaço da Cooperativa, sem qualquer atividade dirigida. Com isso, começamos a nos interrogar sobre as possibilidades e desafios de fazermos um trabalho que propiciasse maior proximidade e identidade das crianças e adolescentes com o contexto de vida de seus pais, trabalhadores/as da Unidade de Triagem, localizada no terreno nos fundos da Cooperativa.

A partir daí, os grupos com os/as filhos/as de catadores/as começam a ser realizados semanalmente, no contraturno escolar, com duração de uma hora e 30 minutos, com o objetivo de desenvolver a espontaneidade, a criatividade e a empatia dos/as participantes, oportunizando outra forma de experiência em grupo que contribua para o reconhecimento da diversidade dos papéis vivenciados no cotidiano. Com ênfase interdisciplinar, as acadêmicas dos cursos de Psicologia e Design de Moda começam a propor atividades que propiciem o reconhecimento e a valorização do trabalho realizado pelos pais na triagem de resíduos sólidos, tendo como disparador atividades lúdicas com desenhos, jogos, filmes e contos, bem como a confecção de brinquedos e jogos artesanais utilizando materiais diversos, como garrafas plásticas, tecidos e papelão, entre outros resíduos trazidos de casa ou separados na Unidade de Triagem.

Dessa forma, o princípio norteador das atividades passa a ser a desconstrução, a reconstrução e a ressignificação dos materiais utilizados nas atividades lúdicas e artesanais, bem como nas dinâmicas em grupo, em decorrência do manuseio e do reaproveitamento dos resíduos de forma sustentável. Com isso, procuramos mostrar a importância do trabalho de separação dos resíduos sólidos realizado pelos pais na Unidade de Triagem, de maneira que as relações com o “lixo” passem a ganhar outro sentido e significado.

Outro ponto que tem sido enfatizado é a vinculação do conceito de economia solidária às atividades realizadas nos grupos. A ideia de economia solidária possibilita-nos ampliar a visão dos/as filhos/as de catadores/as tanto em relação ao trabalho em grupo (coletivo), quanto no que se refere à compreensão do trabalho dos pais na cooperativa (identidade). As práticas voltadas para a autogestão, a cooperação e a economia solidária

(SANTOS; RODRÍGUEZ, 2005) permitem-nos refletir sobre o potencial de implicação desses indivíduos enquanto protagonistas do desenvolvimento como liberdade (autonomia) e da redução das desigualdades econômicas, sociais, políticas e culturais (BAUMAN, 2005; SEN, 2010).

As observações e anotações em diário de campo das alunas de Psicologia trazem reflexões suscitadas a partir do trabalho em grupo realizado com os/as filhos/as de catadores/as de materiais recicláveis, no ano de 2016. As categorias de análise elencadas a seguir mostram o modo como eles/as vivenciam e se relacionam com o contexto no qual estão inseridos/as: relações interpessoais, visão da infância, produção de invisibilidade, realidade precária, vidas estigmatizadas, relações de cooperação e identidade em construção.

É importante destacar que as crianças e adolescentes participantes do projeto se situam na faixa etária entre quatro e 17 anos, sendo filhos/as e netos/as de catadores/as, a maioria do sexo feminino, residentes no Bairro Navegantes, localizado no entorno da Cooperativa.

- **Relações interpessoais:**

Mesmo com demandas e interesses tão diferentes, tem sido recorrente a atitude acolhedora e empática com que as crianças e adolescentes se relacionam entre si e com a equipe do projeto, mostrando-se abertos/as e receptivos/as às propostas em grupo. No primeiro dia de atividade, afirma A5: “(...) nos mostrou um grupo muito rico e cheio de aprendizado (...). Saímos desse primeiro encontro com muitas expectativas e com certo alívio por o grupo ter ido tão bem e por elas terem sido tão abertas e acolhedoras”. No geral, as crianças e adolescentes são participativos/as, interessados/as e acolhedores/as.

- **Visão da infância:**

Ao mesmo tempo, chama-nos atenção a contradição vivida no exercício do papel de ser criança e adolescente. É inquietante o contraste existente entre as necessidades trazidas pelo processo de desenvolvimento em que eles/as se encontram e a condição de desigualdade social, cultural, econômica e simbólica imposta pelo contexto de escassez,

precariedade e risco social, como refere a aluna A5: “elas estavam ali como crianças, mas uma preocupação adulta parece fazer parte de seus cotidianos. Certa necessidade de dar conta de tudo”. Algo atravessa a infância dessas meninas que não é parte de nossa visão de infância. É fato que a infância e a adolescência impõem uma condição de proteção integral a ser exercida pela família, comunidade, sociedade em geral e poder público. Porém, essa fragilidade protetiva interpela a todos/as nós.

- Produção de invisibilidade:

Eles/as pouco falam sobre o contexto de trabalho dos pais, mostrando surpresa ao conhecerem alguns dados da realidade do lixo e da reciclagem de resíduos sólidos, como mostra a fala da aluna:

[A1 fala da importância do trabalho, da reciclagem, todos se calam [...] somente uma menina nova fala algo. P1 (professora) fala que a Pet demora 100 anos pra se decompor; nesse momento, as crianças ficam surpresas. Acho que devemos levar mais informações dessas para elas, em mais números estatísticos (A4).

Apesar da importância de eles/as compreenderem o caminho do “lixo” seco (resíduos sólidos) que sai de cada residência da cidade para a Unidade de Triagem onde seus pais trabalham, eles/as pouco dimensionam essa realidade. No decorrer do trabalho, fomos percebendo que essas informações se tornam uma importante ferramenta de aproximação, valorização e produção de conhecimento dessa realidade, contribuindo para o empoderamento das relações entre eles/as e os pais.

- Realidade precária:

Mesmo que eles/as não tenham o hábito de denominar o cotidiano de trabalho realizado pelos pais na Unidade de Triagem, é perceptível que o dia a dia na Cooperativa interfere no modo como eles/as se sentem e se relacionam, como refere A1: “Percebi que tanto a Heloísa quanto a Diana chegaram mais caladas.... O galpão está passando por alguns momentos difíceis, e talvez as crianças estejam sentindo o clima mais tenso”.

As condições de trabalho na Unidade de Triagem são bastante precárias, exigindo um labor diário cansativo, que se potencializa com a baixa qualidade do lixo entregue pelos caminhões da Coleta Seletiva da Prefeitura Municipal:

[...] os trabalhadores e trabalhadoras ficavam em pé, com cara de cansados, separando o lixo sujo que havia misturado com os materiais recicláveis, estavam reclamando entre si que isso sempre acontecia, que já não aguentavam mais [...] A parte dos escritórios, cozinha, refeitório da CEAR é extremamente limpa, clara, aberta, ordenada e agradável de permanecer, local ideal para o descanso merecido dos trabalhadores (A4).

- Vidas estigmatizadas:

Ao longo das atividades em grupo, uma das falas mais tocantes foi quando falávamos dos “monstros” do filme *Trolls*, como refere A5:

Perguntamos se elas achavam que as pessoas da cidade do filme gostavam deles, logo responderam que não. Ao perguntar o porquê, uma delas respondeu imediatamente “porque eles são fedorentos”, algo que me tocou muito em função da fala presente na Cooperativa, algo que eles sempre nos falam antes de se aproximar “não vou te beijar, to toda suja”.

Os espaços sociais onde eles/as circulam reproduzem o preconceito, o estigma e a discriminação presentes na sociedade, reservando-lhes um lugar de inferioridade e exclusão, associado à condição de trabalho de seus pais: o “lixo”. Nesse contexto, torna-se imprescindível a busca de alternativas que considerem a existência dessa parcela significativa da população que vive do trabalho com o “lixo” e que se encontra invisibilizada e estigmatizada pela sociedade.

- Relações de cooperação:

Eles/as demonstram interesse em construir relações de forma mais cooperativa, auxiliando uns aos outros na superação das dificuldades vivenciadas nos jogos. Mesmo quando há limitadores, por exemplo, quando uma criança se sobressai na liderança e coordenação das atividades, ainda que tenha uma idade menor, há possibilidade de fazer circular o desejo e a vontade do grupo. É importante destacar que algumas crianças já apresentam um potencial de liderança no grupo, auxiliando os/as colegas sempre que necessário, ao mesmo tempo em que os/as demais expõem suas opiniões e sugerem as atividades a serem desenvolvidas pelo coletivo.

- Identidade em construção

A busca permanente por maior horizontalidade nas relações em grupo tem oportunizado um espaço de maior descontração, liberdade e expressão. Essa espontaneidade tem estimulado outras percepções e vivências sobre o contexto em que eles/as se encontram – a reciclagem –, oportunizando a ressignificação de práticas e saberes. Nesse sentido, podemos afirmar que o espaço de liberdade vivido no grupo tem estimulado o potencial criativo por meio de dinâmicas e atividades que mostram, identificam e ressignificam o contexto social em que eles/as vivem, com reconhecimento e valorização da cultura local, principalmente no trabalho com materiais recicláveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A busca de compreensão dos modos de vida dos/as filhos/as de catadores/as de materiais recicláveis suscitou as reflexões aqui apresentadas. Notadamente, conferimos especial atenção para as possibilidades de expressão dos/as filhos/as de catadores/as sobre o contexto social em que estão inseridos/as, posto que o grupo oportuniza outras formas de eles/as se relacionarem e fazerem escolhas, atitudes fundamentais para essa população, caracterizada como a que “vive do lixo”.

É perceptível a condição de invisibilidade produzida na relação com a sociedade, decorrente tanto do estigma que carregam no próprio corpo pelo trabalho com o “lixo”, quanto das inúmeras formas de privação (política, econômica, social e cultural) que eles/as vivem, negando-lhes o desenvolvimento como liberdade, proposto por Amartya Sen (2010).

Nesse sentido, nosso desafio é permanente no processo de contribuir para a reconstrução da identidade desses indivíduos e para a valorização do meio em que se encontram – a reciclagem. Se as marcas e as amarras do estigma social fazem-se presentes na produção dos modos de subjetivação, expressos nos sentimentos de vergonha e medo, nas atitudes de silêncio diante do preconceito e da discriminação por ser catador/a, é a partir deles que a experiência da reciclagem se apresenta como uma forma de resistência individual e coletiva.

Vale lembrar que os movimentos da economia solidária e dos/as catadores/as de materiais recicláveis têm apontado caminhos de luta e de construção de alternativas aos processos hegemônicos que estão em curso, problematizando formas normativas de ser, viver e estar em sociedade, com produção de outros modos de subjetivação, pautados pelas práticas da autonomia e da liberdade.

## REFERÊNCIAS:

- BAUMAN, Z. No começo era o projeto. Ou o refugio da construção da ordem. In: \_\_\_\_\_. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005, p. 17-45.
- SINGER, P. Economia solidária. In: CATTANI, A. D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p. 116-125.
- LAVILLE, J.; GAIGER, L. I. Economia solidária. In: HESPANHA, P. et al. (Coord.). **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra, Portugal: Almedina, 2009, p. 162-168.
- MNCR. Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em: <<http://www.mnccr.org.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2017.
- PEREIRA, E. R. et al. Representações sociais dos catadores de um aterro sanitário: o convívio com o lixo. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, p. 34-47, 2012.
- SANTOS, B. S.; RODRÍGUEZ, C. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, B.S. (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 23-78.
- SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- VERONESE, M. V. Associativismo entre catadores de material reciclável urbano. **Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 213-236, Jan.–Jun. 2016.



## RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE COMO INSTRUMENTO PARA A EVIDENCIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Maristela Mercedes Bauer<sup>2</sup>

**Resumo:** O desenvolvimento sustentável passou a ser entendido como uma nova forma de desenvolvimento que objetiva integrar o crescimento econômico, a preservação ambiental e a equidade social, como componentes interdependentes de apoio ao desenvolvimento de longo prazo. Neste contexto, o Relatório de Sustentabilidade modelo do *Global Reporting Initiative*, objeto desta análise, consiste nas melhores práticas globais para divulgação dos impactos econômicos, ambientais e sociais baseados nas normas definidas pela GRI que fornecem informações sobre as contribuições positivas ou negativas de uma companhia para o desenvolvimento sustentável.

**Palavras-chave:** Relatório de Sustentabilidade. Desenvolvimento Sustentável. GRI.

### INTRODUÇÃO

A essência e o conceito do Desenvolvimento Sustentável tornaram-se conhecidos, mundialmente, por intermédio do Relatório *Brundtland*, "Nosso Futuro Comum" onde ele foi definido como sendo a capacidade de satisfazer as necessidades das gerações presentes sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades (WCED, 1987). Acrescenta-se que a RIO 92 desempenhou um papel importante na promoção da ideia que a sustentabilidade empresarial é o resultado de três pilares: crescimento econômico, equilíbrio ecológico e responsabilidade social.

O conceito de desenvolvimento sustentável apoia-se fortemente no desenvolvimento econômico e social, especialmente para as pessoas com um baixo padrão de vida. Na mesma linha de pensamento, destaca-se a importância da proteção dos recursos naturais e do meio ambiental, ou seja, o bem-estar econômico e social não podem ser melhorados com ações que destroem o meio ambiente. Neste sentido, a preocupação com o impacto do

---

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Contabilidade pela Regensburg Universität, Alemanha, Doutora em Qualidade Ambiental pela Universidade Feevale, Mestre em Engenharia da Produção pela UFSM, Especialista em Contabilidade pela FGV, Professora na Universidade Feevale e professora convidada na Regensburg Universität. E-mail: maristelabauer@feevale.br

desenvolvimento na geração atual com consequências sobre as oportunidades das gerações futuras (WCED, 1987).

Na década de 90, no Brasil, alguns empresários perceberam que investir na proteção do meio ambiente, significava investir na reputação da empresa e na confiança do público. Além disso, a produção sustentável gerou redução de custos viabilizada pela adoção de Responsabilidade Social Corporativa (RSC). Neste período o tema RSC, que também se relaciona com a sustentabilidade empresarial, foi favoravelmente influenciado por pressões internacionais relacionadas com a gestão das empresas multinacionais, com as normas internacionais para certificações ambientais, legislações trabalhistas, ambientais e de direitos humanos (CAPPELLIN ; GIULLIANI, 2004).

No mesmo período, várias organizações criaram instrumentos na tentativa de medir e incentivar as ações ambientais e sociais das empresas. Os instrumentos, normalmente, são indicadores de desempenho, princípios e normas internacionais que procuram uma integração entre as três áreas, ambiental, social e econômica impulsionando as organizações no caminho do Desenvolvimento Sustentável.

Neste contexto, a divulgação de Relatório de Sustentabilidade tem aumentado em volume e complexidade ao longo das últimas décadas. Alguns estudos internacionais, analisando comparativamente mais de um país, resultaram em um crescimento constante no volume e na importância dessas divulgações (KPMG 2005, 2008 e 2011; GRAY *et al.*, 2001).

De acordo com o Ethos (2007) há três modelos-padrão de balanço social, ou Relatório de Sustentabilidade disponíveis no Brasil: dois nacionais – um proposto pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e o outro pelo Instituto ETHOS de Empresas e Responsabilidade Social – e um internacional, sugerido pela *Global Reporting Initiative* (GRI<sup>3</sup>). Assim, neste breve estudo, aborda-se o Relatório de Sustentabilidade, com enfoque no modelo GRI adotado pelas maiores empresas do Brasil e do Mundo.

---

<sup>3</sup> A GRI é uma Organização Não Governamental formada por uma rede *multistakeholder* que foi criada, inicialmente, pela CERES (*Coalition for Environmentally Responsible Economies*) em conjunto com a UNEP (*United Nations Environment Program*) (GRI,2013).

## RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE

Inicialmente, conceitua-se responsabilidade social empresarial em função da sua relação com a sustentabilidade empresarial. A origem do conceito atual de responsabilidade empresarial foi emitida por representantes do *World Business Council for Sustainable Development* (WBCSD), no ano de 1998, na Holanda: [...] responsabilidade social empresarial é o comprometimento permanente dos empresários em adota um comportamento ético e contribuir para o desenvolvimento econômico [...] (WBCSD, 2000, p.2). Posteriormente, o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social conceitua a responsabilidade social como:

[...] a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona e pelo estabelecimento de metas empresariais que impulsionem o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais. (ETHOS, 2013, p.16).

Assim, observa-se, nas definições do WBCSD e do ETHOS o conceito de responsabilidade social empresarial associado à sustentabilidade corporativa nas dimensões econômica, social e ambiental, como consequência do desenvolvimento sustentável sob o aspecto de negócios. Em relação ao termo sustentabilidade, sabe-se, até o presente momento, que não há uma definição universal aceita sobre o seu significado. Existem, sim, várias opiniões de como alcança-la. Entretanto, a ideia de sustentabilidade deriva do conceito de desenvolvimento sustentável que se tornou mais conhecido na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992, também chamada de RIO-92 ou ECO-92 (UN, 1992).

A seguir, apresenta-se o modelo de Relatório de Sustentabilidade segundo as diretrizes da GRI, ou seja, o principal organismo Internacional.

## MODELO DA GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI)

O modelo da GRI é considerado o mais amplo e abrangente e tem como objetivo GRI (2013, p. 3) como “ajudar relatores a elaborar relatórios de sustentabilidade relevante, que incluam informações valiosas sobre as questões de sustentabilidade mais cruciais para a organização [...]”.

O primeiro conjunto de orientações, para a elaboração do relatório de sustentabilidade foi publicado em 2000; o segundo, em 2002 (chamado de as diretrizes 2002), a terceira publicação ocorreu no final de 2006 (nominada de diretrizes G3), a quarta geração de diretrizes da GRI foi lançada no ano de 2013, (denominada de diretrizes G4) (GRI, 2013).

A definição do conteúdo de um Relatório de Sustentabilidade não é uma tarefa simples, uma vez que demanda o atendimento das diretrizes definidas pela GRI G4. O relato deve contemplar as práticas adotadas para medir, divulgar e prestar contas aos *stakeholders* do desempenho econômico, social e ambiental da empresa. Para a definição do grau de importância de uma determinada informação, os fatores internos e externos da empresa necessitam ser considerados como base para a mensuração dos impactos que eles podem causar para o processo decisório da mesma (GRI, 2013).

A GRI, no mesmo documento, sugere a utilização de metodologia já existente e conhecida para avaliar a importância dos impactos significativos que, normalmente, são aqueles que demandam uma preocupação contínua por parte da empresa relatora.

Os princípios para relato estabelecidos pela GRI dividem-se em dois grupos: Princípios para Definição do Conteúdo do Relatório e Princípios para Assegurar a Qualidade do Relatório (GRI, 2013). O Quadro 1 informa os princípios para a definição do conteúdo do relatório.

**Quadro 1 – Princípios para definição do conteúdo do Relatório**

<b>Princípios</b>	<b>Objetivos</b>
Materialidade	As informações devem contemplar os temas e os indicadores que apresentam os impactos econômicos, ambientais e sociais relevantes,

	considerando fatores internos e externos que reflitam impactos significantes no processo decisório dos <i>stakeholders</i> .
Inclusão dos <i>Stakeholders</i>	Os <i>stakeholders</i> (organizações ou indivíduos afetados, direta ou indiretamente, pelas atividades da empresa) devem estar identificados no relatório, assim como as medidas utilizadas para responder os interesses e as expectativas do mesmo grupo.
Contexto da Sustentabilidade	O relato deve abranger o desempenho da empresa no contexto mais amplo da sustentabilidade.
Compleitude	Os temas e indicadores relevantes devem ser abordados de forma suficiente para refletir os impactos ambientais, sociais e econômicos do período analisado.

**Fonte: Adaptado do GRI (2013)**

No quadro 2, são apresentados os princípios para assegurar a qualidade do relatório, ou seja, os princípios que norteiam as escolhas para garantir a qualidade das informações relatadas.

**Quadro 2 – Princípios para assegurar a qualidade do Relatório**

<b>Princípios</b>	<b>Objetivos</b>
Equilíbrio	Apresentar aspectos positivos e negativos do desempenho empresarial.
Comparabilidade	Relatar informações de forma consistente e uniforme.
Exatidão	Informações precisas e detalhadas.
Tempestividade	Publicar regularmente informações.
Clareza	Informações disponibilizadas de maneira compreensível e acessível aos <i>stakeholders</i> .
Confiabilidade	Processo de coleta, registro, compilação, análise e divulgação que permita a revisão e estabeleça a qualidade e materialidade das informações que possam ser revisadas.

**Fonte: Adaptado do GRI (2013)**

A qualidade do relatório pode ser garantida através da observância dos princípios apresentados. Assim, durante o processo de elaboração do mesmo os princípios devem ser observados com o objetivo de atingir uma transparência efetiva do que se deseja comunicar. A qualidade das informações apresentadas no relatório permite que os *stakeholders* analisem o desempenho da empresa de forma consistente e uniforme, visto que pode apresentar informações positivas e negativas, precisas e detalhadas e com elevado grau de compreensão. Ressalta-se que algumas empresas já estão submetendo os seus relatórios de sustentabilidade aos procedimentos de auditoria independente.

As orientações para a estrutura do mesmo são mencionadas no item chamado de “definição do Conteúdo do Relatório” que, segundo o GRI G4 (2013), devem ser observadas pelas empresas na elaboração do seu Relatório de Sustentabilidade. Além disso, faz-se necessário uma visão geral do processo de elaboração analisando a definição de Aspectos materiais e limites apresentadas no Quadro 3.

**Quadro 3 – Visão geral do processo: aspectos materiais e limites GRI G3**

<b>Etapas</b>	<b>Procedimentos</b>
1ª Identificação	Identificar os impactos relevantes que se relacionam com todas as atividades, produtos e serviços relacionados com a empresa. Descrever onde ocorrem os impactos para cada tópico material
2ª Priorização	Priorizar os temas materiais considerando a significância dos impactos relevantes.
3ª Validação	Avaliar todos os aspectos materiais levantados com base nos princípios de completude e inclusão dos <i>stakeholders</i> .
4ª Análise	Após a publicação do relatório a empresa deve analisar o relatório considerando os princípios de inclusão de <i>stakeholders</i> e contexto da sustentabilidade.

**Fonte: adaptado do GRI G4(2013)**

Neste contexto, as diretrizes permitem a elaboração do relatório de sustentabilidade “de acordo”, ou seja, a empresa pode utilizar a opção “Essencial” ou “Abrangente”. A Essencial trata dos elementos fundamentais de um Relatório de Sustentabilidade, como os

impactos do desempenho econômico, ambiental e social da empresa. A opção Abrangente, parte da Essencial, demanda a evidenciação de informações adicionais tais como: estratégia, análise, governança, ética e integridade da organização, ou seja, a empresa deve divulgar a sua *performance* de forma mais ampla e com relato de todos os indicadores considerados materiais (GRI, 2013).

Em relação à forma de gestão, a informação tem como objetivo “permitir à organização explicar como os impactos econômicos, ambientais e sociais relacionadas a Aspectos materiais são geridos” (GRI, 2013, p. 65). O conteúdo do relatório, na versão G4 de 2013, deve contemplar os temas e indicadores que são relevantes, atender ao princípio da materialidade, abordar os temas e apresentar os indicadores essenciais e adicionais que, de maneira direta ou indireta, podem impactar de forma econômica, social ou ambiental as partes interessadas da empresa.

As Diretrizes do GRI G4 organizam os 149 índices dos Conteúdos Padrão em dois tipos: Gerais e Específicos. Os conteúdos padrão gerais são organizados em 58 índices que tratam: Estratégia e Análise, Perfil Organizacional, Aspectos Materiais Identificados e Limites, Engajamento de *Stakeholders*, Perfil do Relatório, Governança e Ética e Integridade (GRI, 2013).

No que tange aos 91 índices de conteúdos padrão específicos, eles são divididos em três dimensões: econômica, ambiental e social. A seguir são descritos os desempenhos Econômico, Ambiental e Social sugeridos pelo GRI G4.

- **Dimensão Econômica**

A dimensão Econômica apresenta o fluxo de capital entre os vários *stakeholders* e os principais impactos econômicos da organização sobre a sociedade como um todo (GRI, 2013). Assim, dimensão econômica da sustentabilidade, fundamental para o entendimento do negócio da empresa, já é divulgada para as partes interessadas através das Demonstrações Contábeis, publicadas e auditadas anualmente. Entretanto, o que geralmente é menos informado, apesar de frequentemente desejado por usuários de relatórios de

sustentabilidade, é a contribuição da empresa à sustentabilidade de um sistema econômico mais amplo.

Em relação à forma de gestão, a GRI orienta que a empresa apresente informações que abordem os aspectos econômicos, tais como: desempenho econômico, presença no mercado e impactos econômicos indiretos.

Os nove (09) Indicadores de Desempenho Econômico, com enfoque no aspecto econômico abrangem o desempenho da empresa relatora em relação aos seus objetivos e metas atingidos ou não atingidos. Os indicadores são compostos de informações decorrentes dos resultados econômicos e financeiros da empresa para o período do relato, sem desconsiderar a comunidade, os investidores e o governo.

Além disso, devem-se mencionar os demais riscos e oportunidades da empresa em função das alterações climáticas. Para tanto, a divulgação de apoio financeiro recebido por parte do governo também se torna importante no contexto da análise econômica, social e ambiental de uma empresa.

No que tange aos Indicadores de Desempenho Econômico em relação à presença da empresa no mercado, pode-se demonstrar através de um indicador adicional que evidencia a proporção do salário mais baixo em relação mais elevado da empresa. Além disso, os gastos com fornecedores locais e os procedimentos para contratação destes fornecedores também deve ser mencionado como um indicador essencial. No mesmo contexto, dos Indicadores de Desempenho Econômico, os Impactos econômicos indiretos que trata do impacto de investimentos em infraestrutura e serviços ofertados para o benefício público com o envolvimento comercial ou através de atividade sem uma cobrança efetiva.

- **Desempenho Ambiental**

A dimensão ambiental da sustentabilidade de acordo com o GRI (2013, p.52): “[...] diz respeito aos impactos da organização sobre ecossistemas, incluindo Aspectos bióticos e abióticos (ex.: solo, ar e água) ”. Observa-se que os indicadores ambientais abrangem os seguintes aspectos: materiais, energia, água, biodiversidade, emissões, efluentes e resíduos,



produtos e serviços, conformidade, transportes, geral, avaliação ambiental de fornecedores e mecanismos de queixas e reclamações.

Para o atendimento das diretrizes da GRI, relacionadas aos indicadores ambientais, composto por trinta e quatro (34) indicadores, as empresas são orientadas, através do documento G4, a adotar uma estrutura que contemple informações relacionadas com a abordagem da gestão dos aspectos ambientais, tais como: materiais, energia, água, biodiversidades e conformidade; os objetivos da empresa em relação às questões ambientais; esclarecimento de como a responsabilidade operacional está organizada para o desempenho ambiental; procedimentos adotados em relação à educação e conscientização sobre os aspectos ambientais; monitoramento de adoção de medidas corretivas e preventivas; as certificações do desempenho ambiental; e demais informações relevantes que permitam a compreensão do desempenho ambiental da empresa.

- **Dimensão Social**

A dimensão social da sustentabilidade é formada por 48 índices, e “diz respeito aos impactos da organização sobre os sistemas sociais em que ela atua ” GRI (2013, p.64). Os Indicadores de Desempenho Referentes a Práticas Trabalhistas e Trabalho Decente, Direitos Humanos Sociedade e Responsabilidade pelo Produto e abrangem informações sobre a forma de gestão da empresa no que tange aos seguintes aspectos: emprego, relações entre os trabalhadores e a governança, saúde e segurança no trabalho, treinamento e educação e diversidade e igualdade de oportunidade, não discriminação, liberdade de associação e negociação coletiva, trabalho infantil, trabalho forçado, práticas de segurança e direitos indígenas.

Os Indicadores que tratam das Práticas Trabalhistas e dos Direitos Humanos têm como base as normas reconhecidas internacionalmente, tais como: Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU); a Convenção das Nações Unidas através do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais; a OIT – Declaração da Organização Internacional do Trabalho que aborda os Princípios e os Direitos fundamentais no Trabalho (GRI, 2013).

Na visão da GRI (2013), os indicadores que tratam do desempenho social objetivam que a empresa relate a importância atribuída aos Direitos Humanos nas situações que dizem respeito às práticas de investimentos e seleção de fornecedores e treinamento de empregados. Além disso, o relatório deve contemplar o treinamento de empregados e pessoal de segurança em relação a não discriminação, liberdade de associação, trabalho infantil, direitos dos índios e trabalho escravo.

Em relação à forma de gestão, novamente, menciona-se o atendimento às convenções e declarações que abordam o tema Direitos Humanos, que deve ser observado pelas empresas nacionais e multinacionais, visando fornecer um relato conciso a respeito da forma de gestão, em especial, no que tange aos seguintes aspectos relacionados a direitos humanos, práticas de investimento e processos de compras.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O relatório de sustentabilidade, com o objetivo de reportar informações econômicas, sociais e ambientais da empresa pode ser organizado de várias formas. Ele pode ser projetado ou planejado para atender um ou mais objetivos. Assim, o relatório pode ser construído para prestar uma gama de informações que apresenta e atende, de forma semelhante, a vários propósitos. Portanto, as normas GRI representam as melhores práticas globais para divulgação dos impactos econômicos, ambientais e sociais. Além disso, os relatórios de sustentabilidade baseados nas normas definidas pela GRI fornecem informações sobre as contribuições positivas ou negativas de uma companhia para o desenvolvimento sustentável.

Nesse contexto, as Diretrizes G4, visam auxiliar as empresas a elaborar Relatórios de Sustentabilidade abordando os temas relevantes e importantes (materialidade) sobre as questões ambientais, sociais e econômicas, essenciais para a empresa, além de estabelecer esse processo em uma prática padrão. Logo, a materialidade pode ser considerada uma das principais particularidades das Diretrizes G4, representando, assim, um relatório mais confiável, compreensível e com informações relevantes para as partes interessadas.

A divulgação de um Relatório de Sustentabilidade demonstra a postura estratégica da gestão em legitimar as suas práticas sociais e ambientais, além de buscar um diferencial competitivo. Além disso, as empresas objetivam atender as expectativas das partes interessadas em relação à forma como conduzem as atividades que, eventualmente, possam afetar o meio ambiente. Assim, o Relatório de Sustentabilidade constitui-se num instrumento de legitimidade que é utilizado pelas empresas para demonstrar às partes interessadas a forma como elas conduzem os seus negócios.

Adicionalmente, o Relatório de Sustentabilidade sugerido pela GRI pode ser utilizado, também, como padrão de referência para avaliação do desempenho social e ambiental da empresa em relação às normas, legislação e padrões de desempenho. Assim, a empresa pode comunicar se ela influencia ou é influenciada por perspectivas de desenvolvimento sustentável, além de oportunizar a comparação do desempenho da empresa internamente com as demais organizações.

### REFERÊNCIAS

CAPPELLIN, P. ; Giuliani, G. M. ., **The Political Economy of Corporate Responsibility in Brazil: Social and Environmental Dimensions**. 2004. Disponível em: <<http://www.unrisd.org/80256B3C005BCCF9/search/400751A2D48E8DDDC1256F80003DA9CE?OpenDocument>, data accessed in 07 May 2015.

ETHOS. Instituto Ethos de Empresa e Responsabilidade Social. **Guia de Elaboração de Relatório e Balanço Anual 2007**. Disponível em: < <http://www.ethos.org.br> >. Acesso em: 09 jan. 2011.

ETHOS. Instituto Ethos de Empresa e Responsabilidade Social. **Glossário**. 2013. Disponível em: < <https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Glossário-Indicadores-Ethos-V2013-09-022.pdf> >. Acesso em: 10 jan. 2015.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI). **Diretrizes para Relato de Sustentabilidade G4 Princípios para Relato e Conteúdos Padrão**. 2. ed. Amsterdam, 2015a. Tradução em português brasileiro. Disponível em: <<https://www.globalreporting.org/resourcelibrary/Brazilian-Portuguese-G4-Part-One.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2015.

GRI. **Global Reporting Initiative**. About GRI. 2010. Disponível em: <<https://www.globalreporting.org/Information/about-gri/Pages/default.aspx>>. Acesso em: 16 março 2011.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI). **Diretrizes Para Relato de Sustentabilidade**. Disponível em: <<https://www.globalreporting.org/resourcelibrary/Brazilian-Portuguese-G4-Part-One.pdf>> . 2013. Acesso em: 16 de Abril 2017.

GRAY, Rob; JAVAD, Mohammed; POWER, David M.; SINCLAIR, Donald C.; **Social and Environmental Disclosure and Corporate Characteristics: A Research Note and Extension**. Journal of Business Finance & Accounting, v. 28 (3 e4) abril/maio, 2001.

KPMG. KPMG International Survey of Corporate Responsibility Reporting 2011. Disponível em: [https://www.kpmg.com/EU/en/Documents/KPMG\\_International\\_survey\\_Corporate\\_responsibility\\_Survey\\_Reporting\\_2011.pdf](https://www.kpmg.com/EU/en/Documents/KPMG_International_survey_Corporate_responsibility_Survey_Reporting_2011.pdf). Acesso em: 6 jan. 2012.

KPMG. **KPMG International Survey of Corporate Responsibility Reporting 2008**. Disponível em: [https://www.kpmg.com/EU/en/Documents/KPMG\\_International\\_survey\\_Corporate\\_responsibility\\_Survey\\_Reporting\\_2008.pdf](https://www.kpmg.com/EU/en/Documents/KPMG_International_survey_Corporate_responsibility_Survey_Reporting_2008.pdf). Acesso em: 6 jan. 2012.

KPMG. **KPMG International Survey of Corporate Responsibility Reporting 2005**. Disponível em: [https://www.kpmg.com/EU/en/Documents/KPMG\\_International\\_survey\\_Corporate\\_responsibility\\_Survey\\_Reporting\\_2005.pdf](https://www.kpmg.com/EU/en/Documents/KPMG_International_survey_Corporate_responsibility_Survey_Reporting_2005.pdf).> Acesso em: 6 jan. 2012.

World Business Council for Sustainable Development (WBCSD). 2000, *Corporate Social Responsibility: Making Good Business Sense* (WBCSD, Geneva). 2000.

World Commission on Environment and Development (WCED). **Our common future**. Oxford: Oxford University Press (1987).

**PARTE 2: PAPPERS SOBRE MEMÓRIA SOCIAL**

## MEMÓRIA CULTURAL E IDENTIDADE NA TERCEIRA IDADE

Miguel Machado Dias<sup>4</sup>

**Resumo:** O objetivo deste ensaio visual é analisar a sociabilidade do idoso perante a memória cultural e sua identidade, através do perfil pessoal de idosos moradores da SPAAN, mostrando suas rotinas e seu cotidiano dentro da entidade, tais como: jogos, festas bailes, bingos, grupos de palhaços e muitas outras atividades no decorrer. Serão utilizadas fotos como representação documental, mostrando a realidade em questão, querendo enfatizar que é o abandono familiar e dos nossos governantes, após chegarem à velhice abalando sua autoestima, e também levando à exclusão da sociedade em que vivemos. Através desta pesquisa, iremos focar a identidade pessoal, sua integração e o convívio, por uma narrativa do conteúdo, de histórias de seu cotidiano. Este assunto merece estabelecer um conhecimento mais amplo dentro da gerontologia, devida o comportamento do idoso através de enfermidades, que os levam à incapacidade mental.

**Palavras chaves:** Estudo do Idoso. Abandono familiar.

### INTRODUÇÃO

O que falta para nossos idosos é terem uma política mais digna a seu favor, para obterem uma vida mais tranquila e mais prazerosa. Ao buscar e compreender a identidade cultural de pessoas com mais de sessenta e cinco anos de idade, podemos também refletir sobre sua educação e sua cultura, e que nos deixam o seu legado (YASSUDA et.al.20006). Partindo deste princípio vamos refletir sobre a maneira, que o idoso é visto perante a sociedade atual, muitas vezes tratado os com indiferença e levando-os ao abandono e à solidão.

O presente ensaio busca esclarecer de que forma o idoso é percebido pela sociedade. Por que estas pessoas que tem uma sabedoria popular tão grande são deixadas de lado até mesmo por seus entes mais próximos. O objetivo geral desta pesquisa é verificar a situação de vulnerabilidade em que se encontram os idosos que vivem na SPAAN. Como específicos, analisar como estes se sentem em relação ao caso de abandono da família; considerar a importância do conhecimento guardado pelos idosos, verificar como é a vivência dentro da instituição pesquisada; e verificar quais atividades são benéficas para que voltem a se sentir inseridos e úteis dentro do grupo que vivem.

---

<sup>4</sup> Graduado em Educação Física pelo IPA. Aluno do Curso de Mestrado no PPG em Memórias Social e Bens Culturais pela Unilasalle.

Para o desenvolvimento deste artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório. Também foram escolhidos seis internos, com idade entre sessenta e cinco a oitenta e seis anos de idade, com o propósito de realizar entrevistas, procurando resgatar a sua história, sua cultura, dando voz ao idoso que precisa ser ouvido, resgatando o seu saber popular. Sabemos que o idoso se alimenta do passado, através de suas trajetórias, sua memória, identidade e sua cultura, que construí suas representações sociais.

## **O IDOSO**

Conforme dados divulgados pelo IBGE o número de idosos no Brasil aumentou 1,8 milhões entre 1995 e 1999. Estes números significam um aumento de 14,5% no número de pessoas idosas no país, sendo que, ao todo, são 14 milhões de homens e mulheres com mais de 60 anos. Conforme Moriguchi:

[...] idosos são pessoas acima de 60 anos, nos países mais desenvolvidos os idosos estão acima de 65 anos, pois as pessoas vivem mais tempo devido a melhores condições de vida. A ONU estabelece que se possa considerar idoso a pessoa acima de 60 anos, mas afirma que esta concepção tem mudado ao longo da história (MORIGUCHI, 2003, p. 1).

O Brasil tende a ser um país que não valoriza as gerações mais velhas e seu conhecimento adquirido. De acordo com Costa:

[...] é comum na nossa sociedade o uso do termo Terceira Idade para designar um grupo de pessoas com idade avançada. Ele foi criado para substituir o uso da palavra “velhice” que, muitas vezes, da forma como é encarada, reveste-se de um sentido pejorativo, dando a ideia de final de vida, frente a uma sociedade que se apresenta em constantes e rápidas mudanças (COSTA, 2007, p.3).

O estatuto do Idoso, que foi promulgado no ano de 2003, diz em seu artigo 3º, que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder jurídico assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetividade do direito a vida, a saúde, a alimentação, a educação, a cultura, ao esporte, ao lazer. Ao trabalho, a cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e a convivência familiar e comunitária.

Pensar sob o lugar do idoso na sociedade ocidental pressupõe a busca de indícios de sua inserção na comunidade. Parece inevitável falar do idoso sem deixar de pontuar a associação de palavras de cunho pejorativo relacionadas como referência à identidade na velhice, de modo naturalizado. A mais comum é a palavra: velho, associada a algo retrógrado, com validade vencida, que caducou, expirou, démodé, entre outros (BEZERRA, LEBEDEFF, 2013, p. 61).

Mas, a realidade é bem diferente. Como percebido nas entrevistas realizadas para compor este ensaio algumas famílias tendem a abandonar seus idosos nas chamadas “casas de repouso”. O motivo é que estes terão todo auxílio necessário, que a família não poderá dar, como cuidados com saúde. O problema está no fato de que estes ficam esquecidos nos lares, sem as visitas dos entes queridos. A sociedade tem que assumir os seus idosos e garantir a ele todos os seus direitos. Nas palavras de Rozendo e Justo:

A velhice não segue, religiosamente, os mandamentos do mercado, preferindo ainda, um ritmo cadenciado de consumo. Foge dos padrões estéticos da sociedade contemporânea, que cultua o corpo jovial e disciplinado, privilegiando outros estímulos e sensações relativos à corporeidade. Escapa aos programas de atenção à terceira idade, que tentam normatizar e ordenar as camadas envelhecidas da população. Enfim, não se enquadram em uma série de disciplinas, preferindo viver suas singularidades ao seu próprio tempo e espaço. Por isso mesmo é relegada ao esquecimento e isolamento social e, quando necessário, destinada ao itinerário último da trajetória dos dissidentes: os depósitos de refúgio humano (ROZENDO, JUSTO, 2011, p. 151).

É necessário que a população se conscientize de que o idoso deve ser respeitado e não apenas tolerado. Eles são a memória viva de nossa cidade, nosso país. Para Matos (2000, p. 6) “o tão falado problema social da velhice não é dos velhos, mas daqueles que se relacionam com eles, tratando-os como um problema, para o qual é necessário arranjar soluções.” Conforme Meire Nunes,

O homem moderno rejeita o envelhecimento e tudo o mais que o acompanha: perda da mobilidade física, tônus muscular, audição, visão e demais doenças crônicas, pois se preocupa com a preservação da liberdade individual e da independência física e cognitiva e da manutenção da autonomia moral e social (NUNES, 2011).

Por este motivo é necessário pensarmos em locais nos quais os idosos possam viver com dignidade. Lugares em que eles se sintam confortáveis seguros e que tenham motivação para viver os anos restantes de suas vidas. Hoje as casas de repouso nem sempre proporcionam isso. Segundo Lima,



As instituições asilares tem o compromisso de suprir as necessidades básicas dos idosos, proporcionando-lhes uma melhor qualidade de vida. Contudo, nem sempre são oferecidas atividades aos idosos, por falta de mão de obra especializada, problemas financeiros, ou até mesmo pela restrição de espaço físico. Assim, os idosos ficam muito tempo ocioso, o que pode levar a problemas de angústia e depressão, entre outras doenças (LIMA, LIMA, RIBEIRO, 2010, p. 346).

Nesse ensaio veremos o caso do SPAAN, instituição que será apresentada. Devemos tem em mente que nós também nos tornaremos idosos, e que gostaríamos de ser tratados com dignidade e respeito. É preciso olhar para frente sem desrespeitar o passado, não podemos refugar nossos idosos eles são nossa memória, nossa história.

## **MEMÓRIA CULTURAL E O IDOSO**

Antes do surgimento da escrita, o conhecimento era passado de geração para geração pela via oral. Pois o conhecimento adquirido era guardado unicamente na memória daquele que a possuía. Segundo Freitas;

Partimos do princípio que todo ser humano tem sua cultura e a promove na medida em que se comunica com o outro. Consideramos que a cultura das pessoas menos escolarizadas é rica em sabedoria popular, brotada do senso comum, da intuição, que é a origem do conhecimento erudito. Ao buscar compreender a identidade cultural de pessoas com mais de sessenta anos, queremos também refletir sobre a educação, bem como os mecanismos internalizados e as contribuições que nos trouxeram (FREITAS, COSTAS, 2011, p. 203).

E o grande responsável pela transmissão desse conhecimento nas antigas sociedades sempre foram às pessoas mais velhas ou os chamados anciões. Eram eles que tinham a função de guardar e transmitir aos mais jovens toda a história e conhecimento dentro grupo que estavam inseridos. Não houve mudança nos dias atuais, são os mais velhos que detém o dito conhecimento popular e que continuam a passar de geração em geração, o que mudou foi à valorização destas pessoas. Como Matos afirma,

E o uso individual do passado, do tempo vivido, através do qual os velhos reconstroem a sua identidade. Os velhos, depois de viverem sua vida, ao relembrem o passado, estão a reconstruir a matéria que foi feita a sua vida. Esta reconstrução implica uma impossibilidade de se reviver o passado de igual forma

no presente, porque o ponto de vista do velho irá sempre modelar e desfigurar as recordações a partir do contexto presente (MATOS, 2004, p. 3).

Conhecer o passado e a história não é apenas importante para os jovens, mas também é a forma dos idosos se sentirem vivos. Faz com que eles se sintam parte novamente do grupo que estão inseridos e, de alguma forma úteis. Mas, é preciso sinalizar esta ajuda.

Acredita-se que o idoso se sente impotente na transmissão de experiências. Muitas vezes ele não pode ou não encontra oportunidade de ensinar aquilo que sabe e que custou toda uma vida para aprender. Se existe algum tipo de memória que se volte para a ação em si, feita de hábitos, ou mesmo de recordação do passado, parece ser este o único recurso a que dispõem os velhos que não possuem mais atividades profissionais ou relações familiares e sociais (ALVES, 2014, p. 145).

É necessária uma remodelagem do pensamento em relação à forma como tratamos nossos idosos pois, eles podem oferecer uma grande contribuição à sociedade e não podem ser vistos como estorvos. “A memória do idoso, tão pouco valorizada, em nossa sociedade tem, portanto, função imprescindível na compreensão de quem somos e de como fomos forjados e de nossas materialidades e subjetividades” (MARINHO, 2016, p.121).

Se não houver a transmissão das memórias muito do conhecimento popular irá se perder, pois não haverá outras formas de registro. É necessário resgatar o valor da cultura popular dos idosos.

A memória dos velhos é portadora de um conjunto de referências sociais, que reforça as suas identidades. Recordar os conteúdos que estão guardados em suas memórias, possibilita reafirmar sua existência e reconhecer a si mesmo através das transformações vividas com a passagem do tempo, além de possibilitar a manutenção da memória coletiva (MARINHO, 2016, p.123).

Devemos valorizar este conhecimento adquirido durante os anos de vida. Isto é benéfico não apenas para nós, que iremos adquirir novos saberes, mas para o idoso, que se sente novamente importante, como um transmissor de sabedoria. Eles irão fazer novamente parte do grupo, agora como um mentor, um guia, que já viveu e tem experiência sobre o que está falando.

## RELATOS DOS IDOSOS DA SPAAN

A SPAAN (Sociedade Porto Alegrense de Auxílio aos Necessitados) é uma entidade sem fins lucrativos fundada em vinte um de agosto/1930, pelo Rotary Clube em Porto Alegre. Sua estrutura técnica tem relação direta com a proposta, de oferecer serviços, que atendam aos cuidados individuais e proporcionem uma boa qualidade de vida aos idosos internos desta instituição. Contam com uma equipe de profissionais da saúde, assistente social, que coordenam funcionários e voluntários em atividades desenvolvidas especialmente para o bem estar dos idosos que ali estão.

- **Relato dos idosos**

Esta pesquisa foi feita na sede da SPAAN, que fica localizada na cidade de Porto Alegre, entidade mantida pelo Rotary Clube, onde agrega em torno de duzentos idosos, internos com idade de sessenta e cinco a cento e cinco anos de idade, cada um com uma bagagem de vida, através de suas memórias, culturas e identidades. De forma a ilustrar melhor o artigo foram feitos alguns registros fotográficos, pois “a fotografia estabelece em nossa memória um arquivo visual de referencia insubstituível para o conhecimento do mundo” (KOSSOY, 2009, p. 45).

No primeiro dia de pesquisa acompanhei uma aula de dança, com os entrevistados participando ativamente, sendo muito instrutivo e significativo. Devida está integração fui conhecendo cada um deles, tirei fotos e conversamos durante a aula. Neste mesmo dia dentro desta atividade, aconteceu o casamento de dois idosos, tendo uma pequena festividade dos internos, com os profissionais que lá estavam. Após o término da aula de dança e a cerimônia de casamento, comecei minha entrevista junto a eles, com perguntas simples e diretas, pertinentes à vida pessoal de cada um. Abaixo o as informações colhidas dos idosos entrevistados:

**P P:** sessenta e cinco anos, divorciado, sem filhos, ex-taxista, internado há três anos por alcoolismo nesta instituição, perguntei sobre seu relacionamento dentro da entidade com os colegas, me relatou que era muito boa, sua participação em atividades dentro da entidade, a

dança, bingos e aulas, sobre seu relacionamento familiar era regular, só recebia visita às vezes por causa da rejeição pela bebida. Ao tirar a primeira foto vista de um ângulo, notei uma tristeza em seus olhos, mesmo sendo um dia de alegria, pois seria o dia do seu casamento com uma das internas, sem seus familiares ao seu lado. Mas ao decorrer da festividade se interou do momento festivo, mudando por total. Visto de outro ângulo à fotografia, nos trás à realidade do que é vivenciado pelo entrevistado perante aos seus, que lhe negligenciaram uma vida melhor, por causa do alcoolismo.

**M LLD**, noiva, sessenta e seis anos, natural de São Borja, era solteira, sem filhos, morando na entidade há cinco anos, tendo um bom relacionamento com seus colegas e funcionários, participa de danças, bingos, fisioterapia. Seus familiares a procuram raras vezes, tendo rejeição familiar por causa da esquizofrenia avançada. A advogada, não gostava muito de passear, ficando reclusa na entidade. Antigamente, moravam com suas duas primas e se tratava com psiquiatra. Através das fotos tiradas, dá para perceber sua alegria no semblante em sua interação na dança. No momento que comecei a entrevista, percebi que tinha desenvoltura e certo conhecimento dentro de sua profissão, em alguns momentos tendo uma boa conversação, não deixando transparecer sua doença.

**J. P.** setenta e quatro anos, natural de Guaporé, viúva, dois filhos “um homem e uma mulher”, cinco netos, um ano e meio na instituição. Tem um bom relacionamento com seus colegas, participa apenas das danças. Declarou não ter um bom relacionamento com seus familiares, principalmente com seu irmão mais novo “Renato Portaluppi”. Vendedora também vivendo reclusa dentro da entidade. Portadora de demência, e esquizofrenia. Pela foto tirada, aparenta ter certa perturbação mental, mas visto de outro ângulo, dançando com seus colegas, denota se alguma diferença em seu comportamento, devido à sua interação com seu grupo, participando ativamente das danças, com muita alegria e certa desenvoltura.

**E S**, oitenta anos, natural de Santiago, viúva, cinco filhos, dez netos, dona de casa, quatro meses na entidade, com um bom relacionamento com os colegas e funcionários participa de danças, bingos. É rainha da primavera e sofreu maus tratos, devido sua demência, pelos seus familiares e tem medidas protetivas, por ordem do Ministério Público. Ao ser fotografada, vê-se uma tristeza em seus olhos ao relatar a vida de sofrimento que deixou para traz, quando tirei as suas primeiras fotos dançando, notei uma mudança radical em seu comportamento, tomando outro ar de alegria e satisfação, motivada pela dança, pois através desta atividade, se sente muito bem relacionada com os demais.

**Z P B**, oitenta e seis anos, natural de Porto Alegre, viúva, foi casada há quinze anos, dois filhos, cinco netos, quatro meses na entidade, um pequeno problema de surdez devido à idade, tem bom relacionamento com colegas e funcionários, gosta de jogar bingo, de dançar, era cantora no passado, fala francês fluente, fez aulas de canto. Nunca sofreu rejeição familiar, dona de casa, morava só, recebe visitas diárias dos familiares, sai para passeios diariamente. Quando fotografada transmitiu uma alegria imensa, é uma pessoa saudável e muita extrovertida.

- **A trupe de Palhaços:**

São vários profissionais na área médica, psicologia e gerontologistas, que trabalham em hospitais, nos finais de semana fazem voluntariado em instituições carentes e asilos.

**Figura 1**



Fonte: Acervo do autor

Ao retornar na entidade dois dias após, tive a grata satisfação de encontrar a trupe de médicos terapeutas, voluntários vestidos de palhaços, como mostra a figura 1, com o intuito de alegrá-los e ao mesmo tempo servindo como terapia. As fotos tiradas durante a visita foram muito expressivas, pois por intermédio delas, deu para comprovar, que está visita seria de grande apreço, pois a havia alegria no rosto de cada um. O primeiro contato foi uma grande surpresa, pois eles não os esperavam. Este pequeno espaço é situado na ala feminina onde as velhinhas se encontram para bater papo, é um lugar bem arborizado ligado à entidade, pois ao verem a trupe de palhaços tiveram uma surpresa, mas ao mesmo tempo se interaram na brincadeira.

**Figura 2**



Fonte: Acervo do autor

Ala masculina, apresentada pela figura 2, setor onde os idosos se encontram para conversar ou ver televisão, é um setor bem estruturado é um avarandado, bem amplo, ao lado da sala de jantar, onde eles fazem suas refeições diárias, como deu para observar através das fotos, todos têm a sua própria cadeira do papai, um não senta na cadeira do outro. Onde a trupe não foi muito bem recebida, pois os idosos são muito reservados.

**Figura 3**



Fonte: Acervo do autor

No pátio da entidade, mostrado na figura 3, havia mais idosos reunidos, ouvindo músicas e conversando, ao ar livre, ao verem os palhaços reagiram com certa surpresa, mas no decorrer, com certa habilidade dos médicos, também se interagiram nas brincadeiras. Esta foto mostra o momento de interação do médico com os internos, alegrando o seu momento de lazer.

**Figura 4**



Fonte: Acervo do autor

Na figura 4 se mostrou onde fica um quiosque, bem ensolarado no centro da entidade, onde se encontram alguns velhinhos, se interagindo, batendo papo e se socializando entre eles, também ouvido música e falando de sua vida passada até os dias atuais, ou até mesmo jogando dominó ou lendo livros. Podem-se perceber através desta figura, neste convívio que eles se sentem felizes no lugar onde estão.

**Figura 5**



Fonte: Acervo do autor

Na figura 5 vemos uma das pracinhas bem organizada e arborizada com os idosos sentados nos bancos, tomando um banho de sol, conversando e se integrando com a trupe de palhaços, dando para se observar que é um lugar bem aconchegante e arejado. Na figura se vê que eles se assustaram, pois não esperavam a visita dos médicos, foi uma chegada bem informal.

**Figura 6**



Fonte: Acervo do autor



A sala dos enfermos é o local onde ficam as pessoas que não podem se locomover, devido a uma enfermidade mais acentuada, tais como Alzheimer, Osteoporose, Parkinson. Nota-se que é uma sala bem estruturada, bem arejada, acima de tudo bem limpa com vista para rua. Na figura 6 vemos uma senhora na cama ortopédica mecânica, que está acamada a mais de dois anos, com Alzheimer, foi cantora e falava fluentemente Francês e Inglês, vivendo muitos anos na Europa. Contudo o agravamento da doença levou a esquecimento total da família, não conhecendo mais ninguém ao seu redor.

## **CONCLUSÃO**

O presente trabalho é um enfoque da vida social real dos idosos, perante a sociedade, onde relatamos sobre como a relação familiar, direcionado principalmente as jovens, que devido à educação e preservação de sua juventude em primeiro lugar, sem preocupação com a terceira idade, e também a dependência de uma política de saúde da Gerontologia, dando-lhes uma vida mais digna perante a sociedade.

Também foi feito uma breve descrição cultural trazido de um passado, não muito distante de sua vida social, onde muitos trazem à tona histórias ou relatos que vivenciaram através dos tempos, com uma vida mais saudável, tais como a vida no campo, onde eles plantavam o seu próprio alimento e ordenhavam as vacas, onde tinham uma vida saudável e salutar. Naquele tempo os homens tiveram as primeiras namoradas, e com elas se casaram constituindo muitos filhos, pois as mulheres se dedicavam a casa ou cursavam o magistério com profissão, pois o machismo era muito acentuado perante os homens, não dando espaços a mulher evoluir profissionalmente, como os dias de hoje, que a mulher tem os mesmos direito, que um homem e estando no mesmo patamar profissional.

O termo velhice decorre de uma luta de classe não de conflitos de gerações, mais novas, mas levando o velho a não ser uma espécie estrangeira. A mulher e o negro lutam por uma igualdade, em que quanto o velho não as tem, por isso é que temos que lutar por eles (BOSI, 1994).

No Brasil o impacto social é mais importante que o biológico. As modificações demográficas, e socioeconômicas nos países de Terceiro Mundo, dependente de outras nações. A sociedade moderna encontra-se hoje diante de uma condição contraditória: de um lado defronta-se com o crescimento acelerado da população de idosos e de outro, a omissão perante a velhice e atitude preconceituosas contra pessoas idosas.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES , Keila das Dores; OLIVEIRA , Laura Aparecida Gomes; ROCHA, Alexandre Ricardo Damasceno. Resgate da memória como função social: envelhecimento e institucionalização. **Revista Intercambio**, v. 5, p. 139-151, 2014.

BEZERRA, Daniele Borges; LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Velhice, identidade e memória: diálogos entre saúde e cultura a favor da manutenção de identidades. **Cadernos do Tempo Presente**, nº 13, p. 60-70, jul./set. 2013.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COSTA, Clarissa Benassi Gonçalves da; BORTOLIN , Sueli. A terceira idade e as ações de leitura dos bibliotecários de duas instituições. 2007. Disponível em:<  
[http://eprints.rclis.org/13267/1/A\\_TERCEIRA\\_IDADE\\_E\\_AS\\_A%C3%87%C3%95ES\\_D E\\_LEITURA\\_DOS\\_BIBLIOTEC%C3%81RIOS\\_DE.pdf](http://eprints.rclis.org/13267/1/A_TERCEIRA_IDADE_E_AS_A%C3%87%C3%95ES_D E_LEITURA_DOS_BIBLIOTEC%C3%81RIOS_DE.pdf)>. Acesso em 21 jan. 2017.

FREITAS, Elizabeth; PY, Ligia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FREITAS, S.A de; JACIRA, MARIA Costa. A identidade social do idoso na memória e cultura popular. **Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, 2011, p. 202-211.

GABRIEL, Pedro; COMBOY, Soje. Atenção e memória visual na população Idosa: Uma associação entre as habilidades literárias sobre condições de influências. **Cuadernos de Neuropsicologia**, Santiago, v. 4, n. 2, 2010, p. 186-201.

LIMA, Deusdedit Lima; LIMA, Maria Alice Vieira; RIBEIRO, Damaceno de Cristiane Galvão. Envelhecimento e qualidade de vida de idosos institucionalizados. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 7, n. 3, p. 346-356, set./dez. 2010.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MARINHO, Maikon dos Santos. Memória e envelhecimento: uma breve reflexão sobre a função da memória na velhice. **Revista espaço acadêmico**, n. 178, p. 115-124, mar. 2016.

MATOS, Patrícia Ribeiro Mendes Alves de. Ser-se mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um lar. In.: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8, 2004. **Anais ...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. P 1-22.

MORIGUCHI, Emilio. Uma comunidade saudável tem espaço para o idoso. In. **Jornal Mundo Jovem**, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.mundojovem.pucrs.br>> Acesso em: 14 maio 2013.

MUCIDA, ANGELA, **Escrita de uma memória que não se apaga**: envelhecimento e velhice. Belo Horizonte, 2009.

NUNES, Meire. A construção social do envelhecimento. s.ed.s.l: 2011. disponível em: <<http://webartigos.com/artigos/a-construcao-social-do-envelhecimento/57965>>. Acesso em: 22 JAN. 2017.

PENA, Fabíola Braz; SANTO, Fátima Helena do Espírito. O movimento das emoções na vida dos idosos: um estudo com um grupo da terceira idade. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 08, n. 01, 2006, p. 17 – 24. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

ROZENDO, Adriano; JUSTO, José Sterza. Velhice e terceira idade: tempo, espaço e subjetividade. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 2, p. 143-149, jun. 2011.

SANDER HUGO, Geraldo. **Relatório Social SPPAN**. Porto Alegre, 2015.

## MEMÓRIA ORGANIZACIONAL: A IMPORTÂNCIA DA IMPLANTAÇÃO EM UMA ORGANIZAÇÃO RECÉM-INSTALADA - TECNOPUC VIAMÃO

Luciano Santarem<sup>5</sup>

**Resumo:** O Parque Científico e Tecnológico da PUCRS (Tecnopuc) iniciou suas atividades em Viamão no ano de 2013. Desde então, diversas empresas vêm se instalando em suas dependências, com o consequente aumento da complexidade organizacional. O presente trabalho tem o objetivo de descrever os conhecimentos teóricos ministrados na disciplina de Memória Institucional e Organizacional, os relacionados com a prática observada durante a visita realizada em 22/04/2015 à organização. Como objetivo geral, se pretendeu destacar os motivos pelos quais se torna importante esboçar um modelo de Memória Organizacional (MO) para o Tecnopuc em Viamão.

**Palavras-chave:** Memória organizacional. TECNOPUC Viamão. Eficácia organizacional.

### INTRODUÇÃO

Apesar de existirem diversos conceitos para memória organizacional (MO), todos eles convergem para um mesmo juízo de valor: trata-se de um importante instrumento, com diferentes usos para a organização. Walsh e Ungson (1991) preconizaram que a história da organização oferece suporte para a tomada de decisão. Já Stein (1995) reconhece na MO um meio pelo qual o conhecimento do passado pode ser trazido para apoiar as atividades do presente. Por fim, segundo Silva (2008), a memória de uma organização pode ser considerada como sinônimo da própria percepção da organização junto a seus públicos. Ao analisar-se o contexto da recente instalação do Tecnopuc no município de Viamão, é possível vislumbrar os desdobramentos necessários para implantação da MO, afim de se alcançar a aplicação prática dos elementos citados e a consequente eficácia organizacional.

O Parque Científico e tecnológico da PUCRS é um empreendimento que procura estimular a pesquisa e a inovação por meio de uma ação simultânea entre academia, instituições privadas e governo. Instalado primeiramente junto ao campus da PUCRS em Porto Alegre, o Tecnopuc vem desde 2001 buscando inserir a universidade diretamente no processo de desenvolvimento tecno-econômico-social da região e do país. Já em Viamão, as atividades do Centro Tecnológico iniciaram em 2013, em uma área adquirida junto ao Seminário Maior do Município no ano de 2004.

Refletindo-se acerca da missão da organização, é possível verificar a importância de uma gestão eficaz para se atingir os objetivos pleiteados. “Criar uma comunidade de pesquisa e inovação transdisciplinar por meio da colaboração entre academia, empresas e governo visando aumentar a competitividade dos seus atores e melhorar a qualidade de vida de suas comunidades”. Da mesma forma, ao ponderar-se a respeito da visão, torna-se claro a necessidade de se buscar um gerenciamento eficiente da organização com vistas ao cumprimento do objetivo principal. “Em 2015 o TECNOPUC será referência nacional e internacional pela relevância das pesquisas das pesquisas com a marca da inovação, promovendo o desenvolvimento técnico, econômico e social da região”.

Valendo-se do entendimento de Borges, Karawejczyk e Telles (2014), de que a MO habilita uma organização a preservar, recuperar e utilizar suas experiências, proporcionando o aumento na competitividade através da contribuição e do aperfeiçoamento da gestão, é oportuno bosquejar a implantação de uma estrutura de MO no Tecnopuc Viamão.

## **A MEMÓRIA ORGANIZACIONAL COMO PILAR DAS DECISÕES**

Sendo o Tecnopuc Viamão um empreendimento que está inserido em uma área física delimitada, destinada a abrigar uma gama de empresas intensivas em tecnologia, além de uma incubadora e de um centro tecnológico audiovisual ainda em fase de implantação, é legítimo supor que um universo inteiro de informações circula pelos corredores diariamente. Considerando-se a tríade de pressupostos para a MO preconizados por Walsh e Ungson (1991): aquisição, retenção e recuperação da informação, tornam-se vital para a organização planejar uma gestão eficiente da informação em seu ambiente. Esta gestão deve abarcar os três itens citados e também representar uma construção conjunta em nível individual e organizacional.

Mesmo ponderando sobre uma característica comum a todas as empresas lá instaladas – por trabalharem com pesquisa, desenvolvimento e inovação muitas de suas informações têm caráter sigiloso – deve-se considerar a gestão da informação na

---

<sup>5</sup> Acadêmico do Mestrado de Memória Social e Bens Culturais.

organização como um todo. Sua trajetória, funcionamento, deliberações já tomadas, processos cognitivos individuais e coletivos podem servir como anteparo para as decisões, se bem conduzidos através de uma política de MO. Também cabe destacar que o Tecnopuc Viamão possui uma equipe técnica enxuta, composta por apenas três colaboradores. Portanto, torna-se assertivo pensar na MO como mecanismo de auxílio para a gestão da organização.

### **A MEMÓRIA ORGANIZACIONAL COMO FERRAMENTA DO DIA-A-DIA**

O Tecnopuc tem como uma das principais características a busca por uma ação integrada e integradora entre a PUCRS, as empresas participantes e os governos municipal, estadual e federal. A complexidade de uma estrutura com tantos atores implica na adoção de um modelo de gestão que atenda tanto a universidade, quanto as empresas e os governos. O modelo de MO abordado por Stein (1995) fundamenta-se no fato de que os processos relacionados à memória podem ser não cognitivos. Além dos três pressupostos descritos por Walsh e Ungson (1991), Stein (1995) indica mais um de nível intermediário, a manutenção – processo que refere como a memória é mantida, possibilitando que a MO seja um facilitador para a organização acessar constantemente as informações.

O entendimento de Stein tem justamente um enfoque gerencialista e utilitarista da MO, o que pode ser visto como positivo para uma organização recém instalada como o Tecnopuc Viamão. Cabe salientar que os benefícios alcançados com o desenvolvimento de uma MO, a saber: auxílio aos gestores com a direção estratégica; facilidade no aprendizado organizacional e no acesso à expertise dos predecessores; vêm ao encontro da proposta do Tecnopuc de buscar equilíbrio constante em sua gestão e na relação com os parceiros.

### **A MEMÓRIA ORGANIZACIONAL COMO FOMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORATIVA**

Quando a PUCRS decidiu instalar o Tecnopuc em Viamão, um dos principais objetivos era encontrar alternativas de desenvolvimento para o município e a região. Atrair

empresas com perfil inovador e ao mesmo tempo agregar a população local ao Parque é o grande desafio. Uma das formas de se atingir esses públicos é através da construção de uma imagem corporativa. Segundo Silva (2008), a memória pode ser utilizada como ferramenta de disseminação dos valores de uma organização, e, portanto, ajudar nessa construção.

Por possuir uma estrutura física voltada para o seu próprio interior, o Tecnopuc Viamão pode encontrar dificuldades no que tange a sua exposição para o público externo do município. Uma alternativa é a reconstituição da história da organização, ainda que seja recente. Elencar os resultados já obtidos, como a instalação de uma unidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, a atração de empresas de setores alternativos, dentre outros êxitos pode se mostrar uma alternativa eficaz de legitimação dos valores, atitudes, princípios e responsabilidades da organização no meio social. Com a implantação de uma estrutura de MO, a organização pode demonstrar aos seus públicos os que fundamentam suas atitudes, o que lhe faz tomar determinadas decisões e com quais responsabilidades está inserida. E assim, através de sua memória, o Tecnopuc Viamão encontrará um meio eficiente de construção de sua imagem corporativa junto a seus públicos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ingresso de uma grande organização em um ambiente completamente diferente deve gerar enormes expectativas, tanto na população local quanto no seio da própria organização. Corresponder a essas expectativas deve ser uma tarefa contínua. A MO, de acordo com a literatura pesquisada, pode tornar-se um importante instrumento para esse propósito. Por estar a apenas dois anos em Viamão, o Tecnopuc ainda não possui uma MO estruturada e instalada, mas é adequado fazer um planejamento para tal. Identificar a possibilidade de implantação da MO é uma etapa importante. Segundo Molina e Valentim devem-se:

Analisar com profundidade, a possibilidade ou não da implantação da MO, levando-se em consideração os ambientes interno e externo. A partir da disseminação dos conceitos e sensibilização a respeito da importância da MO, é

necessário elaborar um diagnóstico, enfocando pontos positivos e negativos, facilidades e dificuldades, com o intuito de verificar a possibilidade de implantação da MO (MOLINA; VALENTIM, 2014, p.58).

Considerando-se ainda que o Tecnopuc já opera há de dez anos em Porto Alegre, é factível ponderar também que o rol de experiências adquiridas nessa outra sede pode servir de esteio para a estruturação da MO em Viamão. Por fim, é relevante destacar o entendimento de Silva (2008, p. 04) "[...] as grandes estratégias e ações das organizações não podem fugir do trabalho com a memória, pois é ela sinônimo de reputação, ou seja, de percepção da organização junto a seus públicos."

## REFERÊNCIAS

MOLINA, L. G; VALENTIM, M. L. P. **Memória Organizacional**: proposta de um modelo para implantação em instituições. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, v. 7, p. 45-64, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/11079/8958>>. Acesso em: 31 maio de 2015.

SILVA, G. M. **O Papel da Memória Institucional e da Responsabilidade Histórica na Construção da Imagem Corporativa**. Pelotas: UCPEL, 2008. Disponível em: <<https://comunicacaoorganizada.files.wordpress.com/2009/07/o-papel-da-memoria-institucional-e-da-responsabilidade-historica-na.pdf>>. Acesso em: 01 jun de 2015.

STEIN, E. W. Organization memory: Review of concepts and recommendations for management. **International Journal of Information Management**, v. 15, n. 1, p. 17-32, 1995. Disponível em: <[www.chris-kimble.com/Courses/mis/ijim95.doc](http://www.chris-kimble.com/Courses/mis/ijim95.doc)>. Acesso em: 30 maio de 2015.

TELLES FILHO, T. S; KARAWAJCZYK, T. C; BORGES, M. L. **Memória Organizacional**: construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. In: VIII ENEO, 2014, Gramado, VIII Encontro de Estudos Organizacionais. Rio de Janeiro: Anpad, V. 1 p. 12 – 24, 2014.

WALSH, J. P; UNGSON, G. R. **Organizational Memory**. The Academy of Management Review, Briarcliff Manor, NY, v.16, n.1, p.57-91, Jan. 1991.

YAGUI, L. M. **Memória Organizacional**: proposta para implantação em uma instituição de ensino superior. Florianópolis: UFSC, 2003. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção – Universidade Federal de Santa Catarina,



Florianópolis, 2003.

## INTIMIDADE COM PAPEL E PENA: MEMÓRIA FAMILIAR E ESCRITA EPISTOLAR

Larissa Tavares Martins<sup>6</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo consiste em analisar as cartas trocadas entre mãe e filha, no início do século XX. No exposto relatam-se as vivências entre esses familiares uma vez que a filha, domiciliada em Pelotas/RS, se correspondia com a mãe que residia, a maior parte do tempo, no Rio de Janeiro/RJ. Este estudo pretende verificar as relações do núcleo familiar, como uma instituição, e o papel da mulher, como administradora da família naquela ocasião. A metodologia utilizada será a análise das cartas trocadas entre membros de um grupo específico, de classe abastada, da cidade de Pelotas, no período compreendido entre 1903 e 1918. Destaca-se que as cartas contêm informações que podem ser relevantes para avaliar como transcorriam as relações que envolviam a presença ou ausência do dinheiro tendo, na mãe, a figura da mulher como organizadora da família e das finanças.

**Palavras-Chave:** Memória. Instituição familiar. Cartas. Administração doméstica.

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como temática, a família como sendo a primeira instituição da sociedade e parte importante da estrutura social. (LASCH, 1991). O contexto deste artigo envolve a memória atrelada às cartas de família nobre da cidade de Pelotas/RS, trocadas entre mãe e filha no período de 1903 e 1918, destacando o papel da mulher naquela organização familiar, analisada a partir do ponto de vista financeiro.

O objetivo deste estudo é pesquisar as cartas trocadas entre uma filha que vivia na cidade de Pelotas e uma mãe que residia no Rio de Janeiro/RJ, compreendendo o início do século XX. Nomeadamente, trata-se de Amélia Hartley – Baronesa de Três Serros e sua filha Amélia Anibal Hartley Antunes Maciel, mais conhecida como Dona Sinhá. As cartas trocadas estão no contexto onde houve a necessidade de mudança de estado, com isso as duas frequentemente se correspondiam por cartas. Neste contexto, serão analisadas as questões financeiras que envolviam a família, com relação às trocas de informações e aspectos da vida econômica. Como objetivos específicos, pretende-se discutir qual o papel

---

<sup>6</sup> Mestra em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Especialista em Artes, na linha de Patrimônio Cultural Conservação de Artefatos –UFPEL. Licenciada em Artes Visuais/UFPEL. Servidora TAE - Centro de Artes/UFPEL.

da mulher como administradora da família no início do século XX e quais as questões sobre a relação de poder enfrentadas dentro desta instituição.

A pesquisa justifica-se pela relevância do estudo da memória institucional, sendo no caso em questão – a família como uma instituição. Destaca-se que as cartas são as principais fontes para analisar como a matriarca da família gerenciava os negócios e como administrava as finanças. Considera-se que a memória através das cartas diz muito sobre a família e como eram as relações afetivas durante este período.

A metodologia utilizada será a análise das cartas trocadas entre uma família de classe abastada da cidade de Pelotas, no período compreendido entre 1903 a 1918. Em todo o acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa possuem aproximadamente 300 cartas trocadas pela família entre os anos de 1885 e 1928, mas foram selecionadas em torno de 30 cartas, escritas nas primeiras duas décadas do século XX. As cartas contêm informações que são relevantes para avaliar como eram as relações que envolviam a presença ou ausência do dinheiro.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

No que tange o referencial teórico utilizado nesta pesquisa, evidencia-se autores fundamentais para entender como a memória influencia nas relações de família e assuntos relacionados à organização familiar. A pesquisa de Débora Clasen de Paula (2008) foi a principal referência utilizada para a análise das cartas escritas por Amélia, fazendo um estudo aprofundado e minucioso de aproximadamente 150 cartas trocadas principalmente entre mãe e filha. A dissertação de Paula (2008) faz um apanhado geral das cartas trocadas entre o ano de 1885 a 1918, onde a autora aborda assuntos diversos, entre eles as relação entre a família e assuntos de ordem financeira.

Conceitos sobre memória serão abordados por Jacques Le Goff (2003), onde o autor destaca que o conceito de memória é crucial, ou seja, fundamental. O estudo da memória social é um dos meios essenciais de abordar os problemas do tempo e da história. A memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade. Para Le Goff, tratando das memórias coletivas, há os

homens-memória, ou mesmo, os chefes de família idosos, que são responsáveis por manter a coesão do grupo.

Para Rodrigo Ramassote (2008), o núcleo familiar sustentava a organização econômica, política e social, predominando como elemento decisivo na acomodação da dinâmica societária do país. Já Jean-Jacques Rousseau (2010), destaca que é a família, a mais antiga ordem social de todas as sociedades, também a única forma de sociedade natural. É a família, portanto, o primeiro modelo das sociedades políticas. Para o autor, fazendo uma comparação com o Estado, o chefe é a imagem do pai, o povo a imagem dos filhos.

- **Cartas como fonte de memória**

Ler uma carta requer muito mais que uma simples leitura do que está posto, mas necessita de uma atenção aos detalhes, que muitas vezes, passam despercebidos. Cartas em si, estão em um contexto de intimidade, envolvendo questões privadas entre poucas pessoas. Conforme descreve Biagio D'Angelo e Waltecy Alves dos Santos (2009), o leitor é instigado a adentrar-se na intimidade e memórias registradas em cartas, sendo que “as cartas de uma pessoa compõem preciosas frações que manifestam a subjetividade de quem as escreve, o lugar e as conjunturas que abarcaram a sua feitura”. (D'ANGELO; SANTOS, 2009, p. 96).

Estudos que utilizam cartas como fonte de pesquisa, enfrentam o desafio de expor privacidades que ficaram por muito tempo como segredo de duas pessoas. Esta violação da intimidade – tornando público o que antes era particular – deve ser visto de forma a manter presente a fidelidade da narrativa e subjetividade de quem a escreve.

Até que ponto a pesquisa acadêmica, dita “científica”, dá conta de assumir o papel de desvendar para o grande público, intimidades entre mãe e filha? No momento que a escrevente, destaca que não é para deixar que as informações contidas nas cartas sejam mostradas para ninguém, salienta-se a invasão de privacidade que o estudo destas cartas oportuniza. Deixando de lado todas estas indagações, considera-se que as cartas são fontes de registros culturais, revelando um emaranhado de sentimentos e informações relativas aos

mais variados temas. Cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade muito maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia. (GOMES, 2004).

Lidar com fontes epistolares significa lidar indiretamente com vivências, resgatando-as de um imaginário construído com a escrita, expressando a realidade vivida de modo absoluto. (TOMASINI, 2012). A carta como uma demonstração de confiança, é também um meio de comunicação que enraíza o vínculo social, conferindo importância à narrativa entre os membros da família. (GOMES, 2004). O estudo e a investigação sobre as cartas, faz com que se torne presente o que está de certa forma ausente, como Pesavento (2008) chama de representação ou mesmo, re-representação. Sobre a análise das cartas e escrita epistolar, é possível se conectar com o passado, pois como destaca Pomian (1984), é com esta linguagem que se “permite falar dos mortos como se estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo, e do escondido como se fosse manifesto” (POMIAN, 1984, p. 68).

Para Tomasini (2012), especialmente cartas de amor constituem-se em um autêntico testemunho de si, uma escrita que traduz sensibilidades e que evidencia hábitos, costumes, maneiras de ser e de viver, ou seja, sociabilidades, tudo isso aspectos que articulam a memória social. A memória “está presente, com um registro, nas escritas pessoais de cartas. Na vida prática, ela é evocada de inúmeras formas... Através de cheiros, sons, paladares, pelo olhar de alguma imagem [...]. E por que não pelas palavras?” (SANTOS, 2005, p. 115). A subjetividade da narrativa reflete uma experiência de caráter pessoal, onde a carta e as particularidades dos indivíduos reproduzem um processo cuja dinâmica social passa pela memória. (TOMASINI, 2012). É esta memória através das cartas que pretende-se destacar e aprofundar neste estudo.

- **Memória Institucional e a Instituição familiar**

Como aquilo que se institui e estabelece, a instituição é caracterizada pela formalização das diferentes sociedades que desenvolvem maneiras de pensar, como por

exemplo: hábitos, usos, costumes e comportamentos. O que define os processos de institucionalização são os comportamentos; práticas e hábitos, obedecendo padrões reproduzidos ao longo do tempo. A família é uma das mais antigas instituições que se consolidaram no campo social. Na civilização ocidental, é vista como a única forma de se organizar a sociedade. (COSTA, 1997). Ao longo do tempo, a configuração da família mereceu um lugar de destaque na medida em que é considerada a célula básica de toda e qualquer sociedade, desde as mais primitivas. A família é o referencial para seus membros, onde é nela que os indivíduos se desenvolvem.

O processo de construção de memória pode ser analisado do ponto de vista de uma instituição familiar, pois segundo destaca Icléia Costa (1997), toda instituição é produtora de memórias e onde existe instituição, existe memória. Nesta perspectiva, torna-se possível compreender a família como parte de um processo de institucionalização, onde é nela que se encontra os primeiros vestígios de memória. Ainda destacando o conceito de Costa (1997) a memória institucional está estritamente ligada ao jogo de informações que se constroem em práticas discursivas dinâmicas. É nesta troca de informações e nas práticas discursivas epistolares<sup>1</sup> que se desenvolvem narrativas familiares importantes para o estudo da memória.

A família como uma instituição são conceitos trabalhados por Durkheim<sup>2</sup> (1975), onde para o autor, a família é uma instituição e parte de uma estrutura social. (MAIOR, 2005 apud DURKHEIM, 1975). Trazendo mais próximo do tema de pesquisa, que aborda a família e as questões financeiras, Durkheim (1975) menciona a relação entre família e os seus bens, descrevendo que um importante fator para estreitar o vínculo familiar são os relacionamentos das pessoas entre si e com os seus bens materiais.

A instituição, assim como uma família, é uma obra coletiva, criação social, cultural, acontecimento. São agenciamentos coletivos que se instituem no meio das relações sociais. As instituições trazem embutidas, em seu processo instituinte, mecanismos de controle social, estabelecendo regras e padrões de conduta, obedecendo a certa regularidade. (COSTA, 1997). Nas instituições familiares, são estabelecidas regras sociais que muitas vezes podem ser reflexos de interesses, tal como um jogo que se estabelece entre seus integrantes.

Nas reflexões de Michel Foucault (2007), ele percebe a instituição família, pelo ponto de vista da análise da disciplina, ou seja, pelo poder disciplinador. Para o autor, na base das instituições, estão sempre presentes dois dispositivos: saber e poder. Foucault destaca que é importante conhecermos o modo de funcionamento de cada instituição e como se comunicam dentro destas redes sociais de poder. O papel disciplinar da família é também salientado por Michelle Perrot (1991), que considera a família como instrutora dos filhos no trabalho, incentivando o trabalho nas oficinas, indústria têxtil e serviços a domicílio, por exemplo. Considera-se como um tipo de administração industrial, onde o patriarca assume o comando em relação às produções em bases familiares. (COSTA, 1997).

A família pode ser vista como uma instância que se institui dentro de determinadas condições sócio-históricas. A partir da Revolução Industrial, as sociedades foram obrigadas a desenvolver novas rotinas que terminaram por serem instituídas. Com isso, as instituições existentes sofreram inúmeras formas de transformação e de adaptação às novas regras que iam surgindo e instituindo-se – dentre elas, a família. (COSTA, 1997).

Além disso, a família foi o meio necessário para que o Estado conhecesse os modos de vida da população. Para Costa (1997), para chegar a informações relativas à população, o objetivo maior do Estado, era abrir as portas do que ocorria dentro das famílias, conhecendo assim elementos importantes da forma de gerir a população. Para Ramassote (2008), o núcleo familiar sustentava a organização econômica, política e social, predominando como elemento decisivo na acomodação da dinâmica societária do país. Apesar de todas as transformações que a família vem passando, ainda hoje é um lugar privilegiado de produção e reprodução de informações que constituem hábitos, comportamentos e costumes, determinando assim, os materiais da memória que devem ser preservados para os que virão.

A seguir, será abordado o caso em questão que é a família Antunes Maciel, utilizando como fonte principal as cartas trocadas entre mãe e filha no início do século XX.

- **A Família Antunes Maciel como contexto desta pesquisa**

Pelotas, localizada no sul do estado do Rio Grande do Sul, teve seu grande

enriquecimento com a indústria do charque, proporcionando uma relativa importância econômica para o município e região. A grande produção de charque, que utilizava os escravos como mão de obra, fez com que os estancieiros ampliassem seus capitais econômicos, crescendo seu patrimônio e usufruindo do requinte cultural não visto anteriormente na cidade. Com o comércio deste produto, o município cada vez mais crescia em proporções alargadas, fazendo com que aumentasse o contato com outras regiões e o enriquecimento cultural de Pelotas. (MAGALHÃES, 1993).

Portanto, ao que parece, historicamente Pelotas é uma cidade que se orgulha da cultura e tradição que possui. De todas as cidades do Rio Grande do Sul, é considerada a partir do século XIX, uma sociedade predominantemente urbana, famosa pelos seus barões e pelas suas grandes damas. (MAGALHÃES, 1994). Esta nova classe social emergente adquiria comportamentos que vieram a ser comuns e habituais após algum tempo, por exemplo, entre as famílias abastadas da cidade de Pelotas, começaram a mandar seus filhos para estudar em outras cidades e especialmente na Europa. Com isso, tinham contato com o que se configurava como boas maneiras na época, outros hábitos e principalmente costumes Europeus.

As atividades culturais e artísticas eram observadas como rotina nesta nova classe econômica, a elite emergente. Organizavam e participavam de festas, comemoração, saraus, banquetes entre outras atividades, “exercitando o requinte social”. Pelotas pode ser considerada a terra do doce, do mesmo modo como foi o berço das charqueadas, dos salões fastuosos, das grandes damas, dos barões beneméritos, dos poetas românticos. (MAGALHÃES, 2003).

Um exemplo destes “Barões Beneméritos” é Aníbal Antunes Maciel, o Barão de Três Serros<sup>3</sup>. Em 1864 casou-se com Amélia Hartley de Brito, de descendência inglesa, nascida no Rio de Janeiro. Após o matrimônio, com aproximadamente 15 anos<sup>4</sup>, ficou conhecida como Sr<sup>a</sup> Baronesa dos Três Serros e tiveram ao total, 9 filhos<sup>5</sup>. Aníbal era Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas – equivalente a engenheiro militar –, mas dedicou-se na sua vida, “à criação de gado para abastecer as charqueadas pelotenses, ainda rentáveis, apesar da competição cada vez mais acirrada com o charque platino.” (PAULA, 2008, p. 49).



Viveram na casa, conhecida como Solar da Baronesa<sup>6</sup>, três gerações da família Antunes Maciel, a Baronesa Amélia e o Barão Aníbal, depois sua filha Amélia, conhecida como Dona Sinhá, com seu marido Lourival e filhos e a última a residir no solar foi Déa Antunes Maciel, neta da Baronesa. Após o falecimento do Barão em 1887 – em consequência de uma antiga lesão no coração – a Baronesa começou a ficar no Rio de Janeiro a maior parte do ano, voltando inicialmente para Pelotas nos meses do ano de maior calor, de dezembro a fevereiro.

Mesmo distante da família, Amélia frequentemente se correspondia por cartas – principalmente com a filha –, onde contava as novidades e sabia mais sobre os descendentes e amigos que ficaram na cidade. Como afirma Paula (2008), enviar cartas “implicava tempo gasto, não só na leitura da carta recebida e na escrita de uma outra, em resposta àquela. Implicava saber horários de funcionamentos do correio, de chegada e partida de vapores responsáveis por fazer estas chegarem ao seu destino” (PAULA, 2008, p. 46).

Nas cartas analisadas, observa-se que a Baronesa dedicava-se entre outras coisas, a administração da casa e dos negócios familiares. Com o passar do tempo e com os homens cada vez mais longe de casa, em decorrência do cuidado com os negócios e preocupações financeiras, as mulheres dedicaram-se ao gerenciamento da casa. Paula (2008) destaca que a face de Amélia que está nas cartas nos revela uma mulher que controlava rigidamente seus gastos, temia a falta de dinheiro e sofria com isto.

- **Amélia e o hábito de escrever cartas**

As cartas de uma pessoa contêm informações que manifestam a subjetividade de quem escreve. Gomes (2004) destaca que trabalhar com a escrita epistolar, é ao mesmo tempo, tarefa fácil e agradável, mas também difícil e complexa. Para Tomasini (2013, p. 277), as cartas vinculadas a personagens com certa relevância social, são mais bem conservadas ou apreciadas como fontes de pesquisa, porém, as cartas de pessoas comuns, são frequentemente descartadas. Tomasini (2013, p. 283), relatando sua pesquisa sobre cartas de amor, destaca que as cartas eram, “eminentemente pessoais, particulares, privadas.

Mais do que isso: íntimas”.

“Quando te escrevo me parece estar conversando contigo - Cartas e Memórias no Museu da Baronesa”, foi o título de uma exposição de cartas realizada em 2011, no Museu Municipal Parque da Baronesa – construção da antiga casa onde viveu a família. A exposição mostrou para a comunidade pelotense “o acervo de cartas que a Baronesa Amélia trocou com a filha, Dona Sinhá, entre os anos de 1889 e 1918, e outras cartas da família Antunes Maciel, num estudo sobre a cultura escrita e a escrita epistolar.” (<http://www.pelotas.com.br/>).

Parafraseando as escritas de Amélia, e considerando os estudos de Tomasini (2013), a frase “Quando te escrevo me parece estar conversando contigo” (Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1909), pode-se entender que há a necessidade de que as cartas preencham certa intimidade, própria da conversa entre duas pessoas que confiam uma na outra, tal como aponta Tomasini (2013).

O Museu da Baronesa possui em seu acervo, 304 conjuntos de cartas que ficaram na casa quando a família mudou-se do local. Estas cartas já foram fonte de pesquisa para diversos estudos acadêmicos e são documentos que “retratam hábitos da época, formas de ver a vida e o cotidiano da família.” (<http://www.pelotas.com.br/>).

Amélia tinha o hábito de escrever cartas, dedicando-se a esta atividade de maneira regular. A maior parte das cartas por ela remetidas, foram para a filha mais velha D. Sinhá, pois estas escritas eram um recurso utilizado para estreitar o vínculo familiar prejudicado pela distância e pela ausência. (PAULA, 2008). Dentre os assuntos abordados nas cartas por Amélia, constata-se que entre suas preocupações cotidianas, as finanças estiveram sempre presentes. Segundo Perrot (1991), há “fluxos” que mantêm a unidade familiar tais como o sangue, o dinheiro, os sentimentos, os segredos, a memória. Portanto, pode-se entender que a unidade familiar tinha a contribuição da regularidade com que se falava da administração doméstica. A análise das cartas entre Amélia e Sinhá destaca a relação íntima entre o sangue, o dinheiro, os segredos e a memória, salientando que é na viuvez que as relações de dinheiro mais se evidenciam. (PERROT, 2007).

Apesar de um número expressivo de cartas, e dos assuntos financeiros serem abordados em várias delas, esta pesquisa se deteve em analisar apenas as cartas trocadas no

início do século XX – período entre 1903 a 1918 –, pois são estas que descrevem com mais detalhes os assuntos de ordem financeira, objetivo principal deste estudo.

As cartas analisadas foram escritas após a morte do Barão, quando a Baronesa mudou-se para o Rio de Janeiro. Após ficar viúva, Amélia considerou o momento certo para retornar à sua terra natal, pois entre outras coisas Pelotas era “mtº triste no inverno”. (Carta da Baronesa. Pelotas, 04 de julho de 1885). Principalmente dois motivos levaram Amélia a voltar para o Rio de Janeiro, são eles: o clima de Pelotas era considerado ruim por Amélia e o segundo motivo apontado foi que no Rio de Janeiro era mais apropriado para praticar a “santa religião, da qual ahi me vejo absolutamente privada” (Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903), se referindo à cidade de Pelotas. Viúva e com as filhas casadas, Amélia achou o momento certo para voltar para o Rio de Janeiro.

Com a morte do Barão em 1887 – ele com 48 anos –, Amélia – então com 38 anos – assume uma nova condição, a de viúva, tutora e testamenteira. É a partir deste período que o hábito de escrever cartas se intensifica. A viuvez de Amélia provocaria profundas mudanças na estrutura da família, ficando a ela a guarda e a administração dos bens. Mesmo morando em Pelotas – antes da morte do Barão – ou longe da família – depois da mudança de estado, Amélia como administradora, se empenhava em bem gerir seu patrimônio e orçamento doméstico, se dedicando a família e finanças, acompanhando todas as despesas e assuntos referentes aos negócios. Amélia possuía muito interesse por economia, fatores que colaboraram para a organização familiar e financeira.

Entre os bens deixados pelo Barão, há muitas propriedades, como fazendas, casas, terrenos, joias, entre outras coisas. Segundo Paula (2008), existia uma herança descrita em dezoito páginas, que, poderia, garantir o sustento de Amélia e dos filhos sem maiores problemas. Com o compromisso de prover o sustento da família, Amélia participa de leilões, a fim de vender animais e arrendar propriedades. A renda da família também provinha do aluguel de algumas casas no centro de Pelotas e de negócios administrados pelo genro, pois havia um “corporativismo” familiar que tinha em Amélia uma das responsáveis por avivar a rede de relações da família. Nas cartas é evidente o tratamento dado por ela aos negócios familiares e a dedicação com que administrava o orçamento doméstico.

Amélia deixava bem claro que quando alguns assuntos eram considerados delicados ou de ordem privada, não deveriam ser comentados com outras pessoas. As escritas eram para Paula (2008): Escrita íntima entre mãe e filha. A autora destaca que as despesas domésticas de Amélia eram assuntos segregados entre as duas, onde ela não se cansava de reforçar o pedido e vigilância da filha sobre as cartas que tratam deste assunto. Para Gomes (2004), escrever cartas é uma demonstração de confiança: “Não deixes mais ninguém lêr esta pois estas cousas, são só para ti porque assim me parece que estou conversando comtigo”. (Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909). Amélia ficava boa “parte do tempo escrevendo cartas e a outra parte, fazendo contas. O dinheiro – ou a ausência dele – perpassam quase todas as suas missivas, às vezes, com o intuito de informar, outras vezes, de pedir”. (PAULA, 2008, p. 159).

Ao administrar o orçamento ela estabelecia prioridades, estando sempre atenta e preocupada com as despesas, controlando seus gastos no “bico da pena”, tentando prever se teria dinheiro suficiente até o recebimento do próximo arrendamento. Isto se pode ver na frase de Amélia, onde se refere a “lembrança da vósinha. Á falta de – arame – priva-me de mandar cousas mais importantes, mas...acceitem a bôa vontade”.(Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909). (Figura 01). Pode-se perceber que o estabelecimento de prioridades era constante, onde era rígido o controle dos gastos, priorizando algumas coisas em detrimento de outras. Amélia era boa negociante, pois sabia pechinchar e estava atenta as liquidações de fim de ano.

- mandar a procuração junto com esta. Infe-  
 - lizmente hoje é dia feriado, e só amanhã poderei  
 ir ao escritório. Não podes calcular, o quanto fi-  
 - quei satisfeita com esse negocio, que parece mesmo, o  
 resultado das minhas supplicas; pois vivo assuetadissima,  
 com a idéa, de que me pôde faltar o dinheiro aqui.  
 Já te tinha escripto n'esse sentido, pedindo-te para  
 ver si Louival me podia adiantar até Março  
 3:000\$, mas á vista do negocio feito, rasguei a  
 carta. Pede-te pois logo que Louival realice o  
 negocio, me remetta o din.º na primeira se-  
 - cção; isto porque, falla-se aqui mt.º em  
 qualquer movimento no mes de Novembro,  
 (pela bocca pequena, bem entendido: mas as  
 - vezes são as que mais acertam.) Imagina  
 - se tal se dar, e eu sem dinheiro que chegue  
 para as eventualidades proprias d'essas oc-  
 - casões! Deus ha de permittir, que tal não  
 succeda, mas... é sempre melhor prevenir que  
 remediar! Agradece mt.º a Loui-  
 - val, o interesse que sempre toma em meus ne-  
 - gocios, procurando tirar para mim, o maior  
 lucro possivel. Como vai Rosa? Tenho ti-  
 - do mt.º pena, e oro sempre por ella. Temo  
 que já te mandei dizer, ter feito entrega a Bibi  
 - da 10\$. que lhe mandastes, o que ella mt.º e mt.º

Figura 01 – Quarta e última página da carta trocada entre mãe e filha na data de 12 de outubro de 1909.

Fonte: Acervo Museu Municipal Parque da Baronesa, 2016.

Para alguns assuntos de ordem financeira, Amélia delegava a administração para Lourival (genro e sobrinho), que era encarregado da administração do patrimônio familiar, pois era comum no século XIX que os genros fossem responsáveis pelos negócios da família. Lourival tinha a obrigação de prestar contas e de manter Amélia informada sobre as finanças da família. Amélia em carta de 1909 pediu a filha que: “Agradece[sse] mtº e mtº a Lourival, o interesse que sempre toma em meus negócios, procurando tirar para mim, o maior lucro possível.” (Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909). Em decorrência da idade avançada Amélia optava por deixar seus negócios aos cuidados do genro, acompanhando tudo da melhor forma possível. Embora fosse Lourival o administrador das estâncias e pela remessa de dinheiro, Amélia e a filha tratavam ativamente dos negócios.

Se a Lourival cabia à administração dos bens, à sua esposa Sinhá cabia o importante papel de manter Amélia informada. Era a filha que recebia através das cartas, o pedido de envio de dinheiro. Amélia possuía rígido controle sobre o dinheiro que circulava, tomando nota dos valores que devia e que lhe eram devidos. Desde que morava em Pelotas, Amélia possuía uma caderneta de gastos, com controle das finanças bem organizadas. (Figura 02).

1897 Debe		Pelo-tas		Haver	
Abril	Transporte	106.315,360	Abril	Transporte	106.496,77
13	Flores	1,000	11	Ordenado á criada Dina	33.
"	Dóces da Confeitaria	3,000	18	20 Feijões de lenha	2.
"	Gorgêta as crivulo Girena	2,000	"	A um pobre	
"	Distribuido pelos criados	15,000	"	1 Capota p.ª Pinhá	120.
"	10 Corados de estin cassin et p.ª Léca	13,000	19	700 Achar de lenha	28.
"	Pago á lavadeira, um mês	35,000	"	1/2 m. de renda	
"	1/2 Corados de merino	800	20	3 M <sup>o</sup> de marim (crianças)	2.
"	1 Pacote de lã	2,200	"	Botoes ( " )	5.
"	5 Corados de pellucia	5,000	"	Concerto n'um chapéo da Dinha	20.
"	11 1/2 metros de flanelha	19,800	"	1 Gôro p.ª Rubens	12.
"	3 1/2 Duizias de oros	4,400	"	As de Louco	2.
"	1 Garrafa de óleo de Ricino	800	"	Sellos do Correio	
14	Costuras p.ª Rubens	5,400	21	A um pobre	1.
"	Pago á D. Eulália	3,000	"	Costuras de Rubens	3.
"	1 Metro de renda	1,200	22	Lacre, papel e tinta	1.
15	Concerto em Blusas	8,000	23	Pago ao Tequinhão	10.
"	1 Pacote do allemão	2,000	"	3 Duizias de garrafas de cerveja	10.
"	Ordenado á Anja Maria	60,000	"	Paranjá	1.
		106.496,960			106.750.

Figura 02 – Contas da casa.

Fonte: Acervo Museu Municipal Parque da Baronesa, 2013.

Amélia se mantinha sempre atenta com a administração do patrimônio, permanecendo sempre à frente dos negócios, se utilizado das cartas para tomar conhecimento destes assuntos. Realizava também empréstimos para outros parentes, além dos “extraordinários”, despesas que apareciam de forma inesperada. Amélia fazia questão de ser uma mulher que pagava suas contas em dia, pois salienta que as dívidas sempre devem ser saldadas. “[...] recomendei mt<sup>o</sup> e por mt<sup>as</sup> vezes que não me deixasse conta nenhuma por pagar [...]”. (Carta da Baronesa. Curitiba, 06 de setembro de 1903). Amélia tinha seu nome a zelar, não ficando nunca sem pagar suas contas.

No período compreendido entre o ano de 1909 e o início do ano de 1910, é mais acentuada a preocupação com a falta de dinheiro. “Vivo assustadíssima, com a ideia, de que

me póde faltar o dinheiro aqui”. (Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909. O ano de 1909, quando Amélia chegou no Rio de Janeiro, foi o período que iniciou a busca por casas para alugar, mencionando nas cartas as dificuldades encontradas em relação ao valor dos aluguéis, a qualidade e a localização das casas. “Não podes calcular, minha querida filha, a lucta que tenho tido, a procura de casa!”. (Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909). Eram vários fatores que influenciavam no aluguel da casa, sendo um dos mais importantes os gastos com o hotel que estavam se tornando maiores a cada ano. “[...]sobretudo fica mtº dispendioso para quem como eu, tem sempre visitas, e portanto, mtºs extraordinários” (Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903).

Os gastos com coisas que não estavam programadas, deixavam Amélia preocupada. Todos os seus gastos eram calculados, para que não faltasse dinheiro. As expressões “cobre” ou “arame” eram utilizadas para se referir a dinheiro, geralmente acompanhadas dos adjetivos “pouco” ou “escasso”. Esta falta de dinheiro era em decorrência da vida que levava hospedando-se em hotéis, gastando muito. (PAULA, 2008). Observa-se que Amélia ficava receosa com a falta deste. “Não te esqueças, me mandar o – arame – pela Chiquinha, pois preciso comprar alguma coisa para mim, e não me animo, com mêdo que o que tenho, não chegue até Março” (Carta de Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909).

A Amélia que emerge das cartas é uma mulher que estava sempre atenta e preocupada com as despesas, e com cálculos bastante preciosos, controlava seus gastos no “bico-da-pena”. Mesmo que Amélia não fosse apta a estas atividades, após a morte do Barão, seria necessário que alguém tomasse conta da família e negócios. Para as mulheres do início do século XX, o trabalho relacionado ao lar era mais habitual em comparação com outras atividades. Com o passar dos anos, o lugar ocupado pelo sexo feminino começou a se expandir. Atividades que não eram muito comuns começaram a ser realizadas, como por exemplo, a mulher no papel de administradora da família.

Talvez gostando de certas atribuições ou mesmo sendo obrigada a realizar certas tarefas, Amélia após a viuvez se viu “forçada” a tomar conta dos negócios, gerenciando a família e tendo a maior parte das vezes poder de decisão. As relações de poder estão mais evidentes em Amélia que mesmo fora da cidade de Pelotas, administrava alguns negócios



com ajuda da filha e genro. Pelo que parece nas cartas, observa-se que as atividades realizadas pela mãe, foram de certa forma transmitidas para a filha, onde D. Sinhá com o passar do tempo, teve o papel de – como a mãe – continuar com a organização da família e negócios.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste artigo foi analisar as cartas trocadas por mãe e filha no período do início do século XX, propiciando verificar a questão da memória pelos vários pontos de vista, possibilitando observar a família como uma instituição social, e todas as relações imbricadas na estrutura familiar. Para isto, utilizou-se as cartas como fontes principais para se pesquisar entre outros assuntos, as questões de ordem financeiras tratadas nas cartas. Os resultados das análises apontam que durante as primeiras duas décadas do século XX, os temas que envolviam dinheiro estavam sempre em pauta, destacando o ano de 1909 como o período que mais se discutiu o assunto em questão.

A história da família Antunes Maciel – de classe abastada que viveu em Pelotas – possibilitou verificar como a matriarca mantinha e estreitava através das cartas, seus vínculos familiares e como administrava o seu patrimônio e os gastos domésticos. Destaca-se Amélia como uma mulher que emerge das escritas como administradora da instituição familiar. A mulher como administradora do lar é observada nas cartas trocadas com sua filha, destacando a confiança que tinham uma com a outra, tratando além dos temas financeiros, como outros assuntos íntimos entre duas pessoas. Nas cartas mãe e filha parecem revelar toda a intimidade e a cumplicidade existentes entre elas, expressas nas confidências que trocavam entre si e na expressão da saudade que sentiam uma da outra.

Considera-se que o estudo sobre fontes epistolares são carregadas de informações que podem ser relevantes para compreender a memória de certa sociedade ou indivíduo. As cartas estudadas possuem questões de suma importância para estudar o papel da mulher como administradora de uma família e a memória imbricada em cada narrativa.

## **REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Jaqueline Vieira. **Mulheres educadas para governar: o cotidiano das lições nas cartas das princesas Isabel e Leopoldina**. 2012. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ, 2012.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

D'ANGELO, Biagio; SANTOS, Waltecy Alves dos. **Violação à intimidade: o gênero epistolar em A cor púrpura, de Alice Walker**. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 91 - 104, jul./dez. 2009.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAIN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo, RS: EDUPF, 2002. p. 75-87.

**Exposição de Cartas na Baronesa termina no final do mês**. Disponível em: <<http://www.pelotas.com.br/noticia/noticia.htm?codnoticia=27606>>. Acesso em: 18 de junho de 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos ; 61).

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1998.

GOMES, Angela de Castro. (Org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.380p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração: a família: santuário ou instituição sitiada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2003.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. **Memória, Experiência e Narrativa**. Iluminuras. Porto Alegre, v. 12, n. 29, p. 4-17, jun./dez. 2011.

MACIEL, Francisca Isabel. Cartas pedagógicas: fragmentos de um discurso. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo, RS: UPF, 2002. p. 205-216.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPEL, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pelotas Século XIX**. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994.

\_\_\_\_\_. A Doce História de Pelotas. In: BOSISIO, Arthur. (Coord.) **A Doçaria Tradicional de Pelotas**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, p. 19-31, 2003.

MAIOR, Heraldo Pessoa Souto. **Durkheim e a família: Da “Introdução à Sociedade” à “Família conjugal”**. Revista Antropológicas. 2005. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaantropologicas/index.php/revista/article/view/47>>.

Acesso em: 30 jul. 2016.

PAULA, Débora Clasen de. **“Da mãe e amiga Amélia”: cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, 2008.

PERROT, Michelle. A vida em família. In: PERROT, Michelle. (Org.). **História da vida privada 4: Da revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 187.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. IN: Enciclopédia Einaudi – Memória-História: Lisboa, Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **A sociologia clandestina de Antonio Candido**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, 2008.

RAMOS, Danielle Marques dos; NASCIMENTO, Virgílio Gomes do. **A família como instituição moderna**. Fractal: Revista de Psicologia. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198402922008000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198402922008000200012)>.

Acesso em: 10 ago. 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2010.

SANTOS, Nádia Maria Weber. “Cartear-se, mas com quem?” – Memória e sensibilidades: um estudo sobre fontes epistolares na correspondência de Lima Barreto. In: BERND, Zilá; SANTOS, Nádia Maria Weber. (Orgs.). **Bens Culturais – Temas contemporâneos**. Porto Alegre, RS: Ed. Movimento, 2011. Série Memória e Patrimônio Unilasalle, n. 3, p. 76-92.

\_\_\_\_\_. **Narrativas da loucura e histórias de sensibilidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. **Histórias de Sensibilidade: Espaços e narrativas da loucura em três tempos**.

(Brasil, 1905/1920/1937). 2005. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

SILVA, Carla Paranhos da. **Transformações na família**. Disponível em: <<http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=1220&idAreaSel=5&seeArt=yess>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

TELLES, T; KARAWEJZCYK, T, **Adega Chesini como um lugar de memória**, II CONINTER-Congresso Internacional de Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: [www.2coninter.com.br/artigos/pdf/960.pdf](http://www.2coninter.com.br/artigos/pdf/960.pdf). Acesso em: Acesso em: 02 ago. 2016.

TOMASINI, Maristela Bleggi. Cartas de amor como fonte de pesquisa: uma proposta metodológica e sua aplicação. In. GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; SANTOS, Nádia Maria Weber. (Orgs.) **Memória Social – Questões teóricas e metodológicas**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2013. Série Memória e Patrimônio Unilasalle, n. 5, p. 277-296.

\_\_\_\_\_. **Memória Social em Cartas de Amor: Sensibilidade e sociabilidade na Porto Alegre da década de 1920**. 2012. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) - Centro Universitário La Salle – UniLaSalle. Canoas, 2012.

## Notas:

<sup>1</sup> Relativo a escrever cartas. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/epistolar/>. Acesso: 20 jul. 2016.

<sup>2</sup> Émile Durkheim (1858-1917) – Sociólogo, psicólogo social e filósofo francês. Foi um dos principais fundadores da sociologia francesa. Possui uma perspectiva sociológica para a família.

<sup>3</sup> Conforme afirma o site oficial do Museu, o título de Barão de Três Serros foi dado ao senhor Aníbal Antunes Maciel pelo então Imperador Dom Pedro II, no ano de 1884, por ele ter libertado os seus escravos, quatro anos antes da abolição da escravatura, período que Pelotas se considerava oficialmente liberta da escravidão. (Museu da Baronesa, 2011).

<sup>4</sup> Dado embasado em Débora Clasen de Paula. (2008, p. 48). Segundo o site oficial do museu, afirma-se que a Baronesa casou-se com 17 anos, em 1864.

<sup>5</sup> Dado embasado em Débora Clasen de Paula. (2008, p. 80). No site do museu e em visitas guiadas, como pude constatar, é dito que a Baronesa teve 12 filhos, falecendo 6 quando crianças.

<sup>6</sup> O imóvel foi construído no auge das charqueadas, período de grande importância social e

econômica para a cidade, sendo um local de representação da sociedade que viveu na época, com todo o luxo e o modo de vida diferenciado de uma parcela dos pelotenses.